PREÇO: 1.000 RS.

Nº 391

A SCENA MUDA

LYA DE PUTTI

BIOTONICO
FONTOURA
O FORTIFICANTE IDEAL
— PARA —
HOMENS, SENHORAS E CREANÇAS

Consagrado pelas maiores notabilidades medicas, em virtude do valor de sua formula, um dos maiores triumphos da industria pharmaceútica brasileira.

—o—

Biotonico Fontoura

corrige as Alterações nervosas, combate a Depressão e a Fraqueza, melhora as Funcções digestivas, auxilia a Assimilação, estimula a Actividade cellular e contribue para normalisar as Funcções do organismo, produzindo Energia. Forças e Vigor, que são os attributos de Saude.

OLHOS DAS ESTRELLAS QUE USAM DIARIAMENTE LAVOLHO

O primeiro plano a uma boa saude — Lavar com LAVOLHO diariamente vossos olhos para evitar a inflammação ou purgação. O LAVOLHO é magico para olhos cançados.

DESEJA emmagrecer ou conhece alguem que o queira? O excessso de gordura provoca diversas molestias: coração, figado, diabetes etc.; diminue a efficiencia do trabalho e prejudica a esthetica (uma senhora ou moça gorda tem menos attractivo.)

EMAGRINA

(comprimidos) — auxilia poderosamente o emmagrecimento, não prejudica o organismo e é acompanhada de um regime muito util.

MAGNESIA FLUIDA
DE
MURRAY
A INCOMPARAVEL

DORES UTERINAS
UTEROGENOL
FALTA DE MENSTRUAÇÃO

A IMPERMEABILISADORA

Processo privilegiado com patente de invenção. Diploma de honra do Instituto Technico Industrial do Rio de Janeiro e do Instituto Universal do Rio Grande do Sul filiado a The International Academic Union da America do Norte.

ALFAYA & COMP.ª

IMPERMEABILISA SEDA, VELLUDO, LÃ, LINHO, ALGODÃO E QUALQUEROUTRO TECIDO, ANTES OU DEPOIS DE SER CONFECCIONADO.

Rua dos Arcos, 13. *Telephone, Central* 4384

RIO DE JANEIRO

Transcrevemos abaixo um dos muitos attestados, que possuimos:

O infra-assignado Capitão medico das forças Auxiliares do Exercito em operações nos campos do Estado do Rio Grande do Sul, attesta que usou fardamentos militares, barraca, capa e varios outros tecidos de sua utilidade, em campanha, impermeabilisados pelos senhores Alfaya & Cia., podendo affirmar não só a sua *efficacia* como tambem durabilidade.

O uso quotidiano de fardamento por outros companheiros, officiaes e praças, impermeabilisados pelo processo dos Snrs. Alfaya & Cia., *conservaram a impermeabilisação até ficarem em completo estado de desagregação*.

O que leva a affirmar que o referido é verdade e attestar in fide gradus.

Cruz Alta, Rio G. Sul — 22 de Março de 1924.

Prof. Dr. OCTACILIO WANZELLER

Jardim Zoologico

ABERTO DIARIAMENTE DESDE 8 HORAS.

Animaes de todas as faunas, notando-se

URSO BRANCO — LEÃO MARINHO — ELEPHANTE — LEOPARDOS — LEÕES — TIGRES — JAGUARES.

Linda collecção de MACACOS. Lindissimas secções de AVES.

Grandes attracções. Corridas.

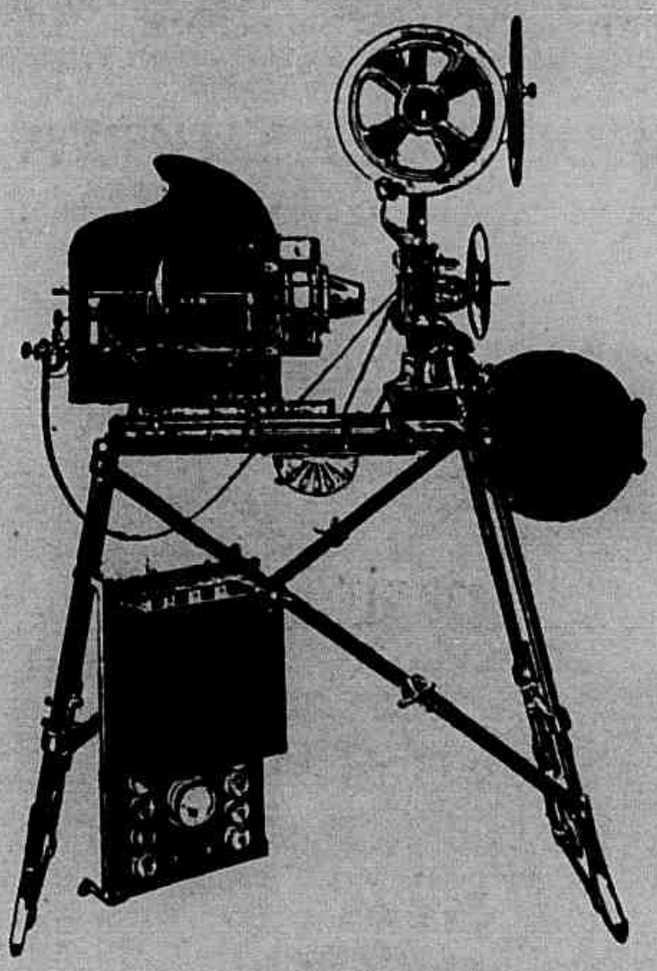
Sorteio de valiosas prendas. Trabalhos gymnasticos — Parque infantil.

GAUMONT

E' o nome, que representa o apparelho cinematographico ideal sob todos os pontos de vista.

GAUMONT significa durabilidade, perfeição, resistencia, economia, vantagem absoluta.

Quem possue installação GAUMONT está seguro do mais explendido resultado pela belleza e nitidez da projecção.



Não deixem de adquiril-o o mais rapido possivel.
Peçam informações e catalogos á casa mais antiga no genero.

MARC FERREZ FILHOS

RUA DA QUITANDA 21 — CAIXA POSTAL 327

RIO DE JANEIRO

A SCENA MUDA

SUMMARIO DO N. 391 — 27.° DO ANNO VIII

20 DE SETEMBRO DE 1928

Cavalleiros do Deserto — (Buzz Barton, Melbourne Morante, Kennel Mac Donald, Peggy Shaw, Al Ferguson e Florence D Lee) 6

Visão Suprema — (Mary Astor, Lloyd Hughes, Earle Fox, Burr Mac Intosh, Ruth Dwyer e Olive Tell) 7

Céo aberto — (Dorothy Mackaill, Jack Mulhall, Sylvia Ashton, James Finayson e Big Boy Williams) 9

Dous amantes — (Vilma Banky, Ronald Colman e Nigel de Brulier) 11

Um garoto ideal — (Johnnie Walker, Betty Francisco, Mickey Bennett, Henry Seddley, Wm Armstrong e Charles Delaney)

Alma de uma naçãc — (George Sidney, George Lewis, Patsy Ruth Miller e Kathlyn Williams) 20

Quarteto de amor — (Florence Vidor, Alberti Conti, Loretta Young, Matty Kemp, Marieta Wilner, Tom Richetes e Hazel Kerner) 23

Rose Marie — (Joan Crawford, James Murray, House Peters e Creighton Hale) 26

Mas que pirata! — (Reginald Denny, Dorothy Gulliver e William Worthingtony) 28

Metropolis — (Brigith Helm, Alfred Abel, Gustav V. Frohelich e Werner Kraus) 29

As novidades na tela — (Miss Vilma Banky) 5

Os que vivem no écran (Myrna Loy, da «Warner») 14

John Bowles e Patsy Ruth Miller, da "Universal" 15

Os typos de belleza no écran — Billie Dowe e Mildred Harris, da "First National").. 18

Os namorados no cinematographo — (Loyd Hughes e Billie Dove) 22

SABONETE Bonly

PREÇO POR PREÇO,
É O MELHOR

MEDIANTE SELLO DE 200 REIS, ENVIAREMOS AMOSTRAS GRATIS

PERFUMARIA LOPES - RIO - P TIRADENTES - 34 - 38 - TEL. C. 648
- R URUGUAYANA - 44 - TEL. C 539
S. PAULO - R. Sto ANDRÉ - 20 - TEL. 2-4681

ENTREGAMOS A DOMICILIO QUALQUER ARTIGO PEDIDO PELO TELEPHONE

REVISTA DA SEMANA

A MAIS IMPORTANTE E LUXUOSA REVISTA
: : : SEMANAL DA AMERICA DO SUL : : :

Publicando semanalmente uma completa

reportagem photographica dos

acontecimentos nacionaes e estrangeiros.

Contos, Modas, Humorismo, Caricaturas,

Chronica mundana, actualidades.

Notaveis artigos sobre Historia, Tradições

e Arte Nacional.

Consultorio odontologico e das Senhoras.

Concursos, Noticiario nacional e estrangeiro.

Grande formato, bellissimas gravuras,

:: um texto attrahente e palpitante ::

ASSIGNATURAS:

52 NUMEROS (BRASIL)				ESTRANGEIRO			
UM ANNO. . .	50$000	6 MEZES. . .	26$000	UM ANNO. . .	65$000	6 MEZES. . .	35$000
REGISTRADA				REGISTRADA			
UM ANNO. . .	71$000	6 MEZES. . .	36$000	UM ANNO. . .	97$000	6 MEZES. . .	50$000

NUMERO AVULSO PARA O BRASIL, 1$200; ATRAZADO, 1$500

A REVISTA DA SEMANA, que é a publicação illustrada hebdomadaria de maior tiragem do Brasil, offerece aos seus annunciantes uma ampla e attrahente secção de : : annuncios, entremeada de gravuras e de texto. : .

RUA BUENOS AIRES, 103

RIO DE JANEIRO

A SCENA MUDA

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

PRAÇA OLAVO BILAC 12 E RUA BUENOS AIRES 103

SOCIEDADE ANONYMA

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA

CORRESPONDENCIA DIRIGIDA A AURELIANO MACHADO DIRECTOR-GERENTE

Telephone: Directoria, Norte 112 — Redacção e Administração, Norte 3660

N.° 391—27.° DO 8.° ANNO || **RIO DE JANEIRO 20 DE SETEMBRO 1928**

SCENA MUDA

Porte simples	Brasil
Um anno	48$000
½ "	25$000
Registrado	
Um anno	69$000
½ "	35$000
Num. avulso ...	1$000
" atrazado.	1$500

ESTRANGEIRO

Porte simples	
Um anno	63$000
½ "	32$000
Registrado	
Um anno	94$000
½ "	43$000

CINEMATECA BRASILEIRA

NOVIDADES DA TELA

A MAIOR organização cinematographica da Inglaterra e a que mais tem feito pelo desenvolvimento das relações internacionaes d'essa producção é, certamente, a "British International Pictures". Seus studios, situados em Elstree, a dez kilometros de Londres, em uma campina tão risonha que parece ter sido feita expressamente para nella se filmarem scenas de amor, possuem equipamento moderno e podem rivalisar com os melhores do mundo.

Compõe-se de dous edificios de cento e cincoenta metros de comprimento e cem de largura, cada um, com a altura de vinte metros. Os dous *studios* podem ser utilisados para as scenas de agua, mediante uma transformação rapida. Suas installações electricas sommam actualmente, 25.900 ampéres.

Nesses studios estão sendo filmadas as primeiras scenas de *Piccadilly*, tendo por "estrella" Pola Negri, que receberá por esse trabalho 100.000 dollars, (850:000$000) Anna May Wong, a interessante chinezinha nascida em S. Francisco da California tem um importante papel nesse film, que é dirigido por Jameson Thomas, considerado o melhor ensaiador da Europa.

—

ANNA MAY WONG, a celebre artista chineza do écran, chegando recentemente a Londres declarou que era a primeira vez que pisava o solo inglez e — o mais espantoso — não conhecia a China. Nascida em Los Angeles, de pais chinezes, sempre viveu nos Estados Unidos e muito creança entrou para a scena muda. Entre os films em que tomou parte, gostou mais de *O ladrão de Bagdad*, de Douglas Fairbanks.

—

A ESPOSA DE Raplh Forbes, Ruth Chatterton, conhecida actriz dos palcos norte-americanos, acaba de firmar um contracto com a "Paramount" para interpretar um papel no film *Os Peccados do pai*, de Emil Jannings.

Sua voz é muito agradavel infelizmente, na scena muda não poderemos ouvil-a. Porem os studios de Hollywood continuam a arrebanhar, activamente todos os actores e actrizes theatraes de que podem deitar mão, para estar bem providos no dia em que possa ser feito o primeiro film fallado.

Miss **VILMA BANKY**, da *United Artists*.

Esse dia marcará o fim das "estrellas", que não tenham bôa voz.

Olga Baklanova tem a seu cargo o principal papel feminino, no mesmo film.

—

NO proximo film de Richard Barthelmess haverá scenas filmadas no Canal do Panamá.

Não sómente será visto o famoso canal, como Richard o percorrerá inteiramente. O film intitula-se: *Mares vermelhos*.

Richard terminou recentemente o film *Sahindo das Ruinas*.

—

O *Nevoeiro* é o titulo do novo film da Metro, com Conrad Nagel e May Mac Avoy nos primeiros papeis.

LEVE-ME PARA CASA é o titulo do film agora terminado por Bebé Daniels, Galã, Neil Hamilton.

—

RUTH ELDER, a risonha mulhersinha, que cruzou o Atlantico em aeroplano até os Açores, desempenha papel saliente no film *Moran dos Marinheiros*, de Richard Dix.

Este numero contem 36 paginas

Cavalleiros do deserto

Film da *F. B. O.* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Red — Buzz Barton
Toby — Melbourne Morante
Jack — Kennet Mac Donald
Ann — Peggy Shaw
Luke — Al Ferguson
Mlle. Durking — Florence D. Lee

***

A vida precisa de ter movimento e agitação para que possa attrahir os que nella ainda estão.

Assim comprehenderam Red e Toby, desde que abandonaram a paz da provincia e partiram deserto á fóra, procurando com que preencher o vacuo da existencia. Quem procura sempre encontra, diz o dictado e elles em pouco tempo deram com o corpo de um homem assassinado, no deserto.

Mysterio, que precisava de ser aclarado. Aquelle sinistro achado foi logo levado na devida conta pelos dois aventureiros, que, seja dito de passagem, formavam verdadeiro contraste um do outro:

Red, ainda muito jovem e pequeno, Toby um velhote philosopho e do tamanho de um poste.

Ao lado do cadaver d'aquelle homem, naturalmente o que elle pudera escrever em seus ultimos momentos, havia a declaração de que elle tinha sido victima dos ladrões do ouro, pedindo ao mesmo tempo protecção para sua filha, Anna, que ainda frequentava um collegio na cidade proxima.

Foi por elle que miss Anna soube do assassinato de seu pai.

A moça estava prestes a chegar á cidade quando foi alcançada pelos dous aventureiros.

Os dous companheiros procuraram logo fallar com Jack, que se presumia o noivo escolhido para Anna pelo destino; mas houve no caminho que tinham de emprehender, um encontro funesto: Uma quadrilha de terriveis salteadores cahiu sobre a conducção que trazia Anna e se não fosse a intervenção de Jack teria sido muito triste seu fim.

D'ahi por deante começaram as perseguições aos dous jovens, que não mais poderam ter socego.

Jack prometteu a Anna a annullação de seu noivado, logo que chegassem á cidade e iam para alcançar a mesma seguidos por Toby e Red, quando souberam por estes do assassinato do pai da moça.

Os dous bem que suspeitam de Luke, o proprietario da fazenda proxima, que andava ambicionando negocios de ouro e, para se certificar melhor de sua culpabilidade, Red mette-se dentro de uma mala do carro de transportes de Luke, emquanto Toby toma outras providencias afim de averiguar o caso.

Facil foi ao pequeno escutar uma conversa do capataz de Luke com o chefe dos bandidos, onde o nome de fazendeiro era citado a toda a hora... Mas o rapaz foi descoberto em seu esconderijo e sem mais demora

(Continúa na pag. 30)

Carol era agora o typo perfeito da *flapper*, a tumultuosa melindrosa new-yorkina.

Visão suprema

Film da First National Pictures com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Carol Trent — MARY ASTOR
Dorr Manning — LLOYD HUGHES
Max Slater — EARLE FOX
O Dr. Bobs — *Burr Mac Intosh*
Pat Scott — RUTH DWYER
Careth Lindsey — *Olive Tell*

* * *

Orpha, sózinha no mundo, rica, senhora de uma fortuna que a poderia fazer viver uma existencia de prazeres e até de extravagancias, Carol Trent entretanto, era dotada de genio simples e calmo, preferindo viver na Bretanha, num dos mais poeticos e mais salubres recantes d'aquella linda provincia da França. Foi alli que ella conheceu Dorr Manning, um digno rapaz, de excellente caracter, e que lhe promettia um futuro dos mais felizes.

Durante muitos mezes Carol e Dorr se entregam a seu idyllio venturoso, mas como Dorr necessitasse de fazer uma viagem a New York e ella precisasse de ir a Paris, os dous se separaram, certos porem de que, dentro em breve, poderiam reatar aquelle namoro, que, tanto os deliciava.

Mezes são passados. Carol Trent é, agora, uma perfeita *melindrosa*. E' a alegria dos bailes a que comparece, em New York. Toda a garrulice e galanteria vibram em sua personalidade physica, brincam-lhe nos olhos, nos sorrisos maliciosos, na "gyria" mais estylisada que ella adoptára, para traduzir suas intenções em seus brinquedos... Cabello cortado á ultima moda, decotes quasi escandalosos, uma habilidade extraordinaria no "*blac-botton*" ou no "*kinkajou*" mais recente, Carol Trent, representa, agora, o mais refinado specimen da "*flapper*". Mas por que? Qual a explicação d'essa

Não havia loucura que Carol não praticasse para attrahir a attenção.

Sua pericia no *black-botton* tornára-se já famosa.

metamorphose? Porque, em logar da antiga creatura singela e amoravel, de antigamente, na Bretanha, se via, agora, aquella "pequena" endiabrada, ás vezes inconveniente, ás vezes reveladora de um temperamento leviano?

Dorr Manning, chegando a New York, em visita a seu amigo Max Blater, tem opportunidade, com profundo desgosto, de sur-

(Continúa na pag. 35).

Com que tristeza ella se negava a responder ao appello de seu amado.

Simulando indifferença, ella declarou-lhe que jámais voltaria á vida calma de outrora.

Céu aberto

Film da *First National* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

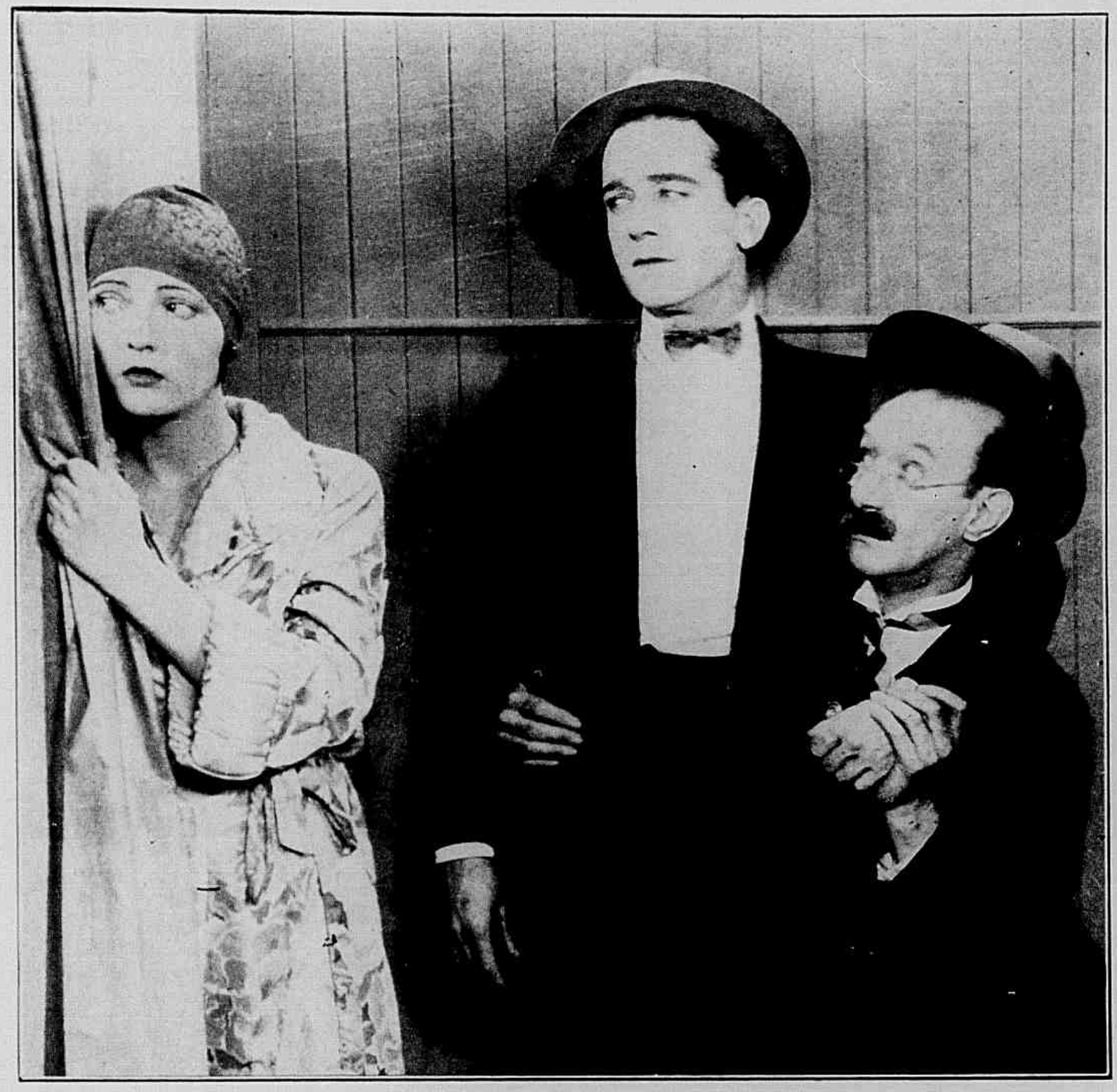
Helen Slocum — Dorothy Mackaill
Dawson — Jack Mulhall
Mamãi Slocum — Sylvia Ashton
Papai Slocum — *James Finlayson*
Sweeney — *Big Boy Williams*

***

Dawson, que trabalhava pelas alturas de um formidavel edificio em construcção em New-York, com seu inseparavel amigo Sweney, de lá desceu um dia para almoçar e resolveu "implicar" com Helen, uma galante vendedora de biscoutos fabricados por seus pais. "Implicar" é uma acção que tanto os rapazes como as pequenas costumam praticar quando querem abrir caminho para um "*flirt*".

E foi assim que, depois de tantos dias de "implicancias" Helen Slocum e Dawson se tornaram namorados verdadeiros, d'aquelles que só se sentem bem quando estão juntos um ao outro, o que equivale a dizer que logo que Dawson abandonava as vigas e os andaimes, passava pelo balcão de Helen e lá iam, de braços dados, planejando cousas para o futuro.

O futuro mais proximo, porem, foi o seguinte: uma noite, emquanto Helen e Dawson davam um passeio pela visinhança, o casal Slocum foi visitado por



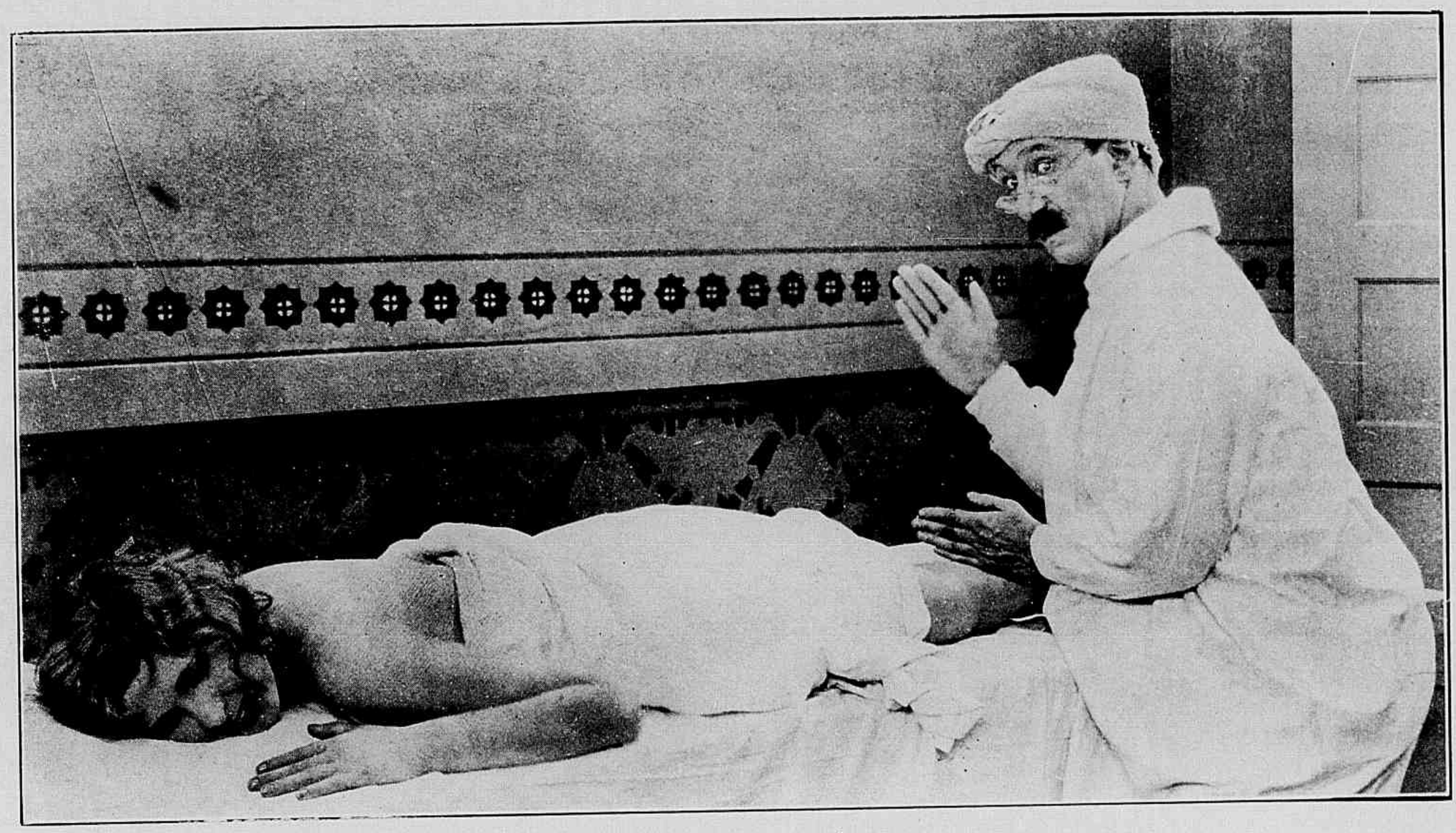
Como explicar sua presença alli?

um senhor circumspecto, como todos os senhores, que propõem negocios e que propôz ao casal a compra da marca registrada dos famosos biscoutos, que elles fabricavam havia tantos annos e tão populares se tinham tornado.

A compra seria considerada feita mediante entrega de avultada quantia; o casal deixaria de trabalhar e desfructaria a vida farta e regalada; Helen, a filha, estudaria uma porção de cousas que os novos-ricos acham muito bonitas; seria cortejada, dansaria tangos e "foxes" e... arranjaria um bom partido, talvez um duque, talvez um marquez...

E o negocio foi feito: quando Helen e Dawson chegaram de passeio, encontraram mamãi Slocum alvoroçada com a idéa de uma vida elegante e a casa toda em desordem. Mas acceitou tudo sem rebuços, porque uma situação de riqueza não é ccusa que se despreze, ainda mais em se tratando de gente moça e que

Para qualquer lado que se voltasse, o sr. Slocum via uma banhista com muito pouca roupa.



E eis o sr. Slocum obrigado a "bancar" a massagista.

gosta de brilhar do melhor modo possivel...

Oito dias depois estavam os trez installados num appartamento de luxo, em que, a par de moveis elegantes e "bibelots" primorosos viam-se os apetrechos da Sra. Slocum, que, sendo demasiadamente gorda, comprára uma infinidade de apparelhos, d'esses que promettem o emmagrecimento rapido da mais bem nutrida de todas as creaturas banhudas... E com isso — já se sabe — o Sr. Slocum não poude ficar calado. E hoje uma briguinha, amanhã outra, hoje um pequeno ciume de Dawson, amanhã uma malcreaçãosinha de Helen... e houve a desharmonia inevitavel no novo lar dos Slocum. Dawson não deixára de ser pontual em suas visitas á namorada, mas como a encontrasse conversando com um rapaz das novas relações da familia, deixou de apparecer alli durante varios dias.

Como se vê, a riqueza inesperada fizera estragos consideraveis no lar de papai Slocum; e tanto assim foi que, no dia do anniversario da Sra. Slocum, como esta estivesse muito cheia de ares pelo privilegio da sua nova situação, e como as torturas dos processos de emmagrecimento lhe causassem um máu humor terrivel, não supportou as pilherias que o marido e o futuro genro lhe disseram.

Pouco depois mãi e filha sahiam para tomar um "banho turco" num estabelecimento hydrotherapico e papai Slocum e Dawson por sua vez sahiram para qualquer outra diversão.

Acontece, porem, que foram levados para um theatro onde eram representados espectaculos suspeitos e sendo o estabelecimento varejado pela policia, elles foram obrigados a invadir repentinamente, o estabelecimento hydrotherapico. D'ahi

(Continúa na pag. 34)

Surprehendido alli, Dawson foi sahindo pé ante pé.

Dous Amantes

Film da *United Artists* com os seguintes interpretes— RONALD COLMAN, NOAH BEERY, VIRGINIA BRADFORD, VILMA BANKY, NIGEL DE BRULIER, *Eugene Besserer, Fred Esmelton, Marcella Daly, Helen Jerome Eddy, Paul Lukas, Harry Allen*.

Estamos no anno de 1572.

A Flandres pacifica e laboriosa debate-se sob o jugo hespanhol. Um dia, cansados de supportar os excessos de seus oppressores, chefiados pelo duque de Azor, os Flamengos, reunidos em torno do principe de Orange, preparam a libertação do paiz. Dentre os dedicados patriotas sobresahe o mascarado, figura mysteriosa, só conhecida pelo principe, cuja dedicação pela causa nacional era constantemente posta a prova.

Sabedor das tramas urdidas contra seu prepotente governo, o duque de Azor põe a preço a cabeça do principe de Orange e do mascarado.

Seus esforços, porem, resultam baldados e, á vista d'isso, o dictador resolve preparar uma cilada, propondo o casamento de sua sobrinha D. Lenora com o filho do bailli de Gand.

Apresentando este consorcio como um penhor de duradoura paz, o ardiloso duque procura apenas collocar uma fiel espiã na intimidade de seus inimigos.

As bodas são celebradas com magnifico explendor. Mark Van

Sua lealdade e galanteria acabaram por vencer o coração de Lenosa.

Tendo-se soltado uma das rodas da carruagem, elles foram forçados a passar a noite em uma hospedaria da estrada.

A vista d'aquella confissão Mark resolveu respeital-a.

Bicke o bailli desconhece por completo a esposa, que os interesses politicos de sua patria lhe haviam designado e surprehende-se com a radiante belleza de D. Lenora. Seu coração não pode deixar de palpitar por uma tão linda mulher e, com todo o fervor de uma paixão subita irrompe em seu peito um louco amor. A formosa sobrinha do duque de Azor amava, porem, D. Ramon de Linea, um dos commandantes das forças hespanholas de Gand, com quem promettera casar-se.

Na noite de nupcias, deante d'essa confissão, Mark resolve desistir de seus direitos de marido e esperar que os acontecimentos futuros lhe permittam receber de sua esposa, unicamente pelo amor, o que apenas a lei lhe assegurava agora.

Mais eis que o assassinato de D. Ramon, pelo mysterioso mascarado, vem acirrar em D. Lenora o odio aos Flamengos.

Dias depois, uma opportunidade se lhe offerece para servir a seu paiz. O acaso fal-a descobrir em casa do burgomestre a sala secreta onde os revolucionarios se reunem para assentar os planos da libertação e onde se encontra a lista dos patriotas que organizaram a conspiração.

De posse d'esse precioso documento, Lenora apressa-se a ir entregal-o a seu tio, em Bruxellas.

Pretextando ser a viagem excessivamente longa, Mark acompanha-a.

A meio do caminho, por sua

Esse, que Lenora julgava fiel e leal, divertia-se numa hospedaria reles.

O mascarado entrára ali para tomar a defeza de uma pobre criada.

propositada intervenção, uma roda da carruagem desprende-se e ambos são obrigados a passar a noite em uma hospedaria de Dendermonde.

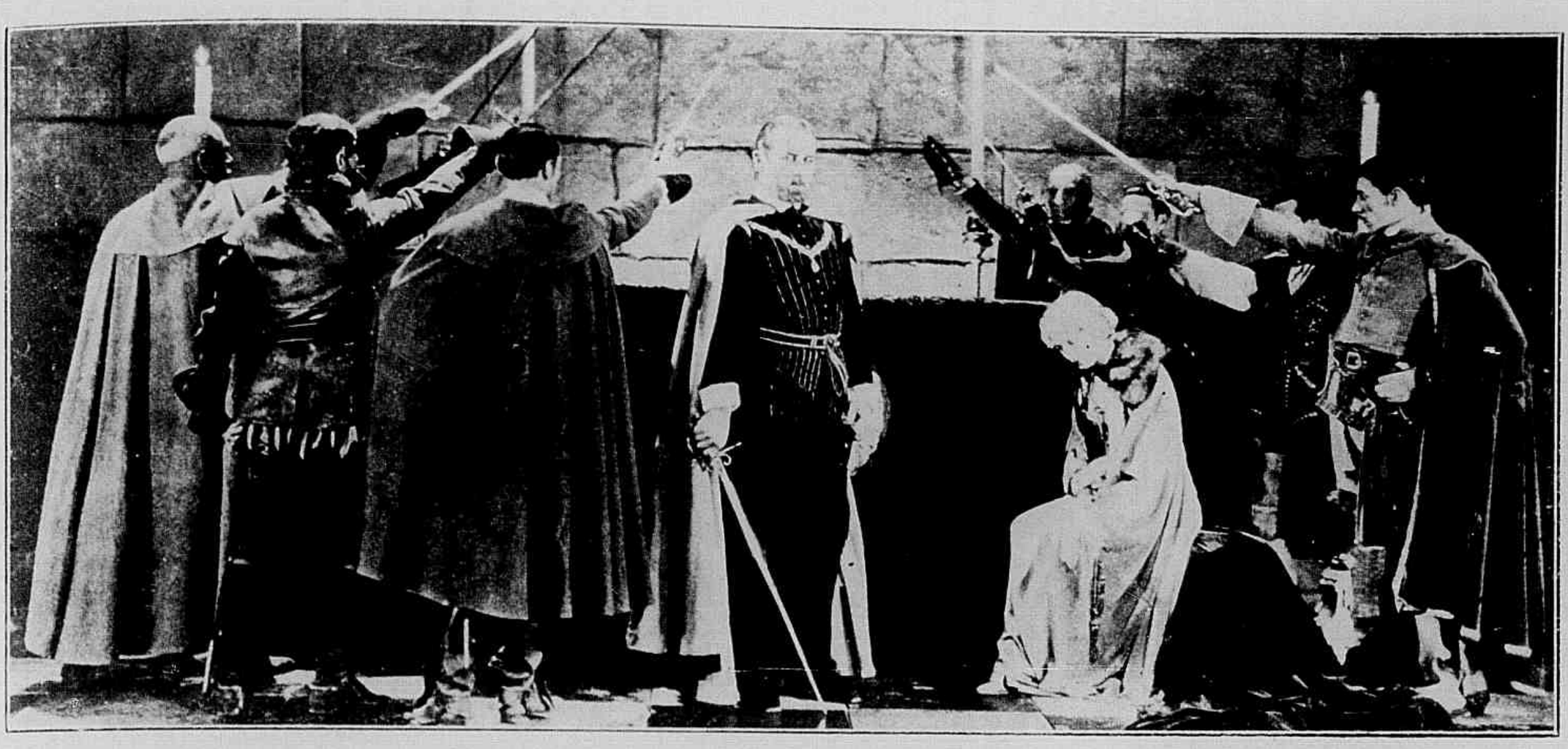
A belleza mascula de Mark, sua attitude galante e attenciosa, acabam por vencer o coração de D. Lenora. Pela primeira vez, depois de tanto tempo de casado, elle a estreita nos braços, cobrindo-a de beijos.

A grande ventura de ambos não seria, porem, duradoura. O assassinato mysterioso de seu ex-noivo ainda perdurava na lembrança de D. Leonora e á vista da cicatriz que Mark apresenta em um dos braços vêm-lhe á mente as palavras de D. Ramon ao expirar:

— "Procurem o mascarado pelo ferimento que lhe produzi no braço".

Não restava duvida. Seu marido era aquelle que os Hespanhoes tanto procuravam. A hospedaria acabava de chegar o Duque de Azor acompanhado por um pelotão. D. Lenora, sem hesitar, faz prender seu marido que é immediatamente submettido a rigoroso interrogatorio. Mas, a despeito das violencias a que o sujeitam, Mark recusa-se nobremente a revelar o local onde se encontram o principe de Orange e os planos da revolução. Deante d'essa attitude firme e resoluta, o governador hespanhol fal-o remover para Gand, onde, por meio de torturas, espera obter a confissão almejada.

Marda, a creada da estalagem, ouvindo fallar no mascarado corre a supplicar a D. Lenora que interceda em seu favor. Surprehendida com esta attitude, a esposa de Mark pergunta-lhe



Um juramento implacavel de odio e vingança.

porque mostra tanto interesse por um homem que assassinára friamente seu ex-noivo. Marda conta, então, como se déra a morte de D. Ramon. Certa noite, fôra chamada a servir o commandante hespanhol

(Continúa na pag. 35)

Uma noiva que vai para o altar, sob vaticinios de sangue e prepotencia.

OS QUE VIVEM NO E'CRAN

O cinema fallado

O cinema fallado, essa invenção de que innumeros pesquizadores se occupam ha longos annos, está em vias de realização e preoccupa todos os espiritos no mundo do écran norte-americano.

Com elle os personagens do écran cantarão, fallarão como pessôas naturaes e a arte muda passará a ser extremamente tagarella.

A espera d'esse prodigio, os cineastas e mesmo os profanos fazem, elles proprios, muito ruido. Mesmo por que a maioria reprova e destesta a novidade.

Porque? Porque essas imagens sonoras não serão — affirmam elles — artisticas...

— O cinema — declaram os pontifices — deve ser branco, preto e silencioso... As côres já constituem uma heresia: a voz será uma abominação.

E acrescentam:

— O cinema era universal, era a pantomima substituindo vantajosamente todos os *esperantos* e *volapuks*, que, de resto, foram precedidos pela scena muda Se o cinematographo tomar a palavra, será inintelligivel para todos os povos, que não comprehendem senão a lingua de seu paiz... De resto, o cinema não se deve parecer com o theatro: tem sua personalidade, sua originalidade e é em seu proprio e inconfundivel caracter, que deve procurar a perfeição de sua technica.

Mas a esses argumentos, talvez seja permittido responder:

— O cinema fallado não seria mais precioso do ponto de vista documentario? Seria maravilhoso poder ouvir, alem da morte, os grandes artistas do palco, assistir á resurreição no écran de grandes oradores cuja voz não morreria jámais. Alem do mais, por que recusar todo e qualquer caracter artistico a films sonoros, que repetiriam, a interpretação das peças dramaticas ou musicaes, por artistas celebres?

Os partidarios do cinema puro replicam a isso:

— Se gostam do theatro, comprem uma cadeira e assistam ao jogo de scena do palco.

Muito bem... Mas como conseguir tal cousa, se se reside em uma comarca do Acre? E os habitantes de innumeras cidades do interior, poderiam dizer:

— Temos uma sala de espectaculos, porem nella só assistimos a representações medioeres. Muito lucrariamos se o cinema fallado e cantado nos offerecesse obras primas interpretadas por actores illustres que, certamente, nunca virão, em carne e osso, a nossa cidadesinha.

O cinematographo pode fazer muito mais pela salvação da Terra do que todos os discursos e pamphletos dos propagandistas. Para fallar com franqueza, os que deixaram a cidade natal, provavelmente, nunca voltam a ella... Os que ficam fieis ao logar de seu nascimento são os

(Continúa na pagina 30).

Miss **Myrna Loy**, da **Warner Brothers**.

JOHN BOWLES e PATSY RUTH MULLER, da "Universal".

Um garoto ideal

Film da *Ravart Pictures*, com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Ned Dungan — JOHNNIE WALKER
Mary Gallaghan — BETTY FRANCISCO
Jimmy Dugan — MICKEY BENNETT
Wainright — HENRY SEDLEY
Dan Gallaghan — WM. ARMSRONG
Patrick Gallaghan — CHARLES DELANEY

***

Muitos rapazes das grandes cidades, sem profissão definida, são arrastados á vida de crime por causa dos entes queridos que precisam de sustentar e educar.

Ned Dungan, por exemplo, pelos companheiros com que se mettia e por ter que educar seu irmão Jimmy, estava sempre ás voltas com casos complicados e muitos d'elles davam que pensar ao irmão mentor, que não entendia muito d'estas cousas, mas que já tinha lá suas ideias de gente.

Assim, Jimmy com a educação descurada, passava dias inteiros nas ruas, em companhia do cão Rang, talvez seu unico amigo depois de Ned, naturalmente.

Preparavam-se os amigos de Ned contando com sua ajuda, para darem um assalto em casa de Gallaghan, um chefe politico

Ned promette-lhe que viveria honestamente de então por diante

Jimmy foi visitar seu irmão no carcere.

Wainright tomára agora uma attitude mais ousada.

e industrial da cidade, que estava em luta com outro politico o Sr. Wainright, em cujo grupo trabalhava Ned. Este, por mais de uma vez quizera regeitar a participação naquella aventura, mas era muito instado pelos outros, que não podiam dispensar sua collaboração deante das possibilidades, que se apresentavam. E Ned, porque precisava de dinheiro para educar o irmão, acabou por acceitar. Naquelle dia, porem, não tinha visto Jimmy e ninguem lhe soube dar noticias do pequeno.

E' que uma "baratinha" vistosa e elegante tinha atrepelado o pobre Jimmy e sua conductora, uma moça muito bonita prestára-se a dar-lhe asylo em sua casa e tratal-o convenientemente.

Quem era essa moça? A filha do Sr. Gallaghan. Mary Gallaghan, por quem Jimmy logo se affeiçoou como a qualquer moça bonita e bondosa, que o acariciasse. O peior é que onde estava Jimmy era a casa contra a qual planeiavam o assalto, e Ned não teve conhecimento do aviso enviado por Mary, á sua casa, sobre seu irmão.

Wainright jurára dar por terra com o prestigio do Sr. Gallaghan e para conseguir isso não escolhia meios, compromettendo toda a familia, numa trama terrivel. Quando seus homens penetraram na casa do Sr. Gallaghan, á noite, alguem os presentiu e dado o alarma foram todos presos... Estando Ned entre elles isso provocou a intervenção de Mary em seu favor, por causa de Jimmy.

Miss Mary recolheu o pequeno ferido á sua residencia.

D'ahi por deante, Ned prometteu emendar-se, procurando emprego e levando por muitos mezes uma vida pacata, até que foi obrigado a auxiliar de novo a quadrilha Wainright, mas fel-o para salvar o irmão de Mary, que se compromettera na assignatura de um vale indevido.

Entretanto suas relações com miss Mary tornaram-se cada vez melhores. Mas Wainright mandou falsificar o cimento empregado nas construcções do Sr. Gallaghan. Este descuidadamente festejava seu anniversario, quando recebeu a noticia de que o arranha-céu que estava construindo acabava de ruir e a policia procurava-o urgentemente.

Era o momento de entrar em campo a habilidade de Wainright. Ned procurando desvendar os mysterios d'aquelles homens, escondeu-se no gabinete do chefe da quadrilha e surprehendeu o segredo da questão do cimento. Mas um homem escondido é sempre um criminoso e descoberto, Ned foi parar na cadeia, calando-se sobre seu caso, afim de não compromettter Dan.

Jimmy, porem, tantas voltas dá que Dan vai a policia e consegue a liberdade de seu amigo.

Wainright porem assumira uma attitude francamente cubada, deante de Mary, a quem dissera que podia libertar seu pai, mediante umas concessões-sinhas" e sendo repellido procurava agora forçar a vontade da moça.

Chega Ned e applica ao miseravel o castigo que merecia, pois sem duvida Wainright tinha direito á maior surra de que ha memoria. Depois é tudo aclarado e os culpados levados á cadeia, ficando Ned e Mary em plena alegria com sua grande amizade...

Aquelle presente foi o que mais encantou o garoto.

O primeiro film fallado da Metro-Goldwyn-Mayer apresentado em Agosto ultimo em New York, intitula-se *Nos Mares do Sul* e foi dirigido por W. S. Van Dyck em Tahiti. A synchronisação foi porem feita em New-York.

Os typos de Belleza no Ecran : --- BILLIE

DOVE e MILDRED HARRIS, da "First National".

A ALMA DE UMA NAÇÃO

Film da Universal com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Sr. Levine — GEORGE SIDNEY
Sra. Levine — *Beryl Mercer*
Phil Levine — GEORGE LEWIS
Beth Levine — PATSY RUTH MILLER
Hugo Bradleigh — JOHN BOWLES
Sr. Schmidt — *Albert Gran*
Pete Albertini — *Eddie Philips*
Sr. Bradleigh — *Edward Martindell*
Sra. Bradleigh — KATHLYN WILLIAMS
Sr. Albertini — *Michael Viroff*
Sra. Schmidt — *Daisy Belm*
Sra. Albertini — *Rosita Martini*
Korn — *Jac Bleif*
Hilda Schmidt — *Flora Bramley*
Helen Bradleigh — JOSEPHINE DUNN
O' Dougal — *Andy de Vine*

(Resumo da parte já publicada)

A alma de uma nação, uma grande cidade de Nova York, é como que um caldeirão immenso de todas as raças do mundo.

Uns alli vão em procura de um lar, outros em busca de fama e gloria, outros ainda no desejo de conquistar fortuna.

Muitos vencem, emquanto não poucos desanimam, vendo derrocados todos seus dourados castellos, erguidos sobre as areias movediças dos sonhos. Vencem em geral os fortes, os que sabem se desfazer dos habitos e preconceitos da terra natal para se adaptaram a sua nova patria, a patria de seus filhos.

E' o que se verifica na presente aventura.

(Continua na pagina 34).

Comprehendendo o papel que Phill desempenhára na guerra, a orgulhosa Sra. Bradleigh foi a primeira a consolar a humilde immigrante.

O velho Levine sempre de máu humor chegava a ser injusto com a propria filha.

— Tenho razão — bradou Levine — Tenho razão, por que esta creatura é uma desmiolada.

E assim foram unidos aquelles dous corações feitos um para o outro.

Os namorados no cinematographo: LLOYD HUGUES e BILLIE DOVE.

A' noite em seu quarto, Marguerite e Denise palestravam não como mãi e filha mas como duas amigas.

QUARTETTO DE AMOR

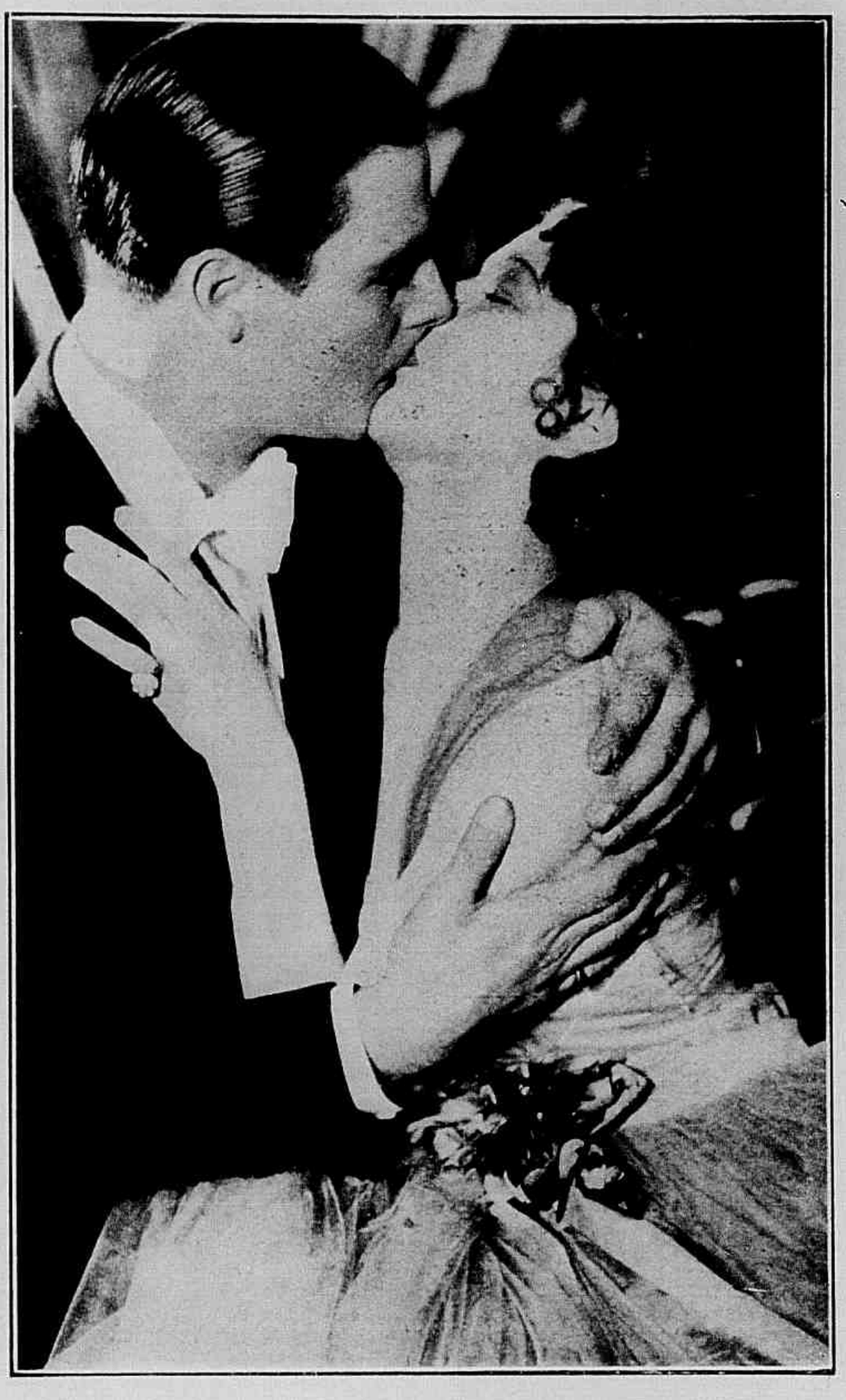
Film da *Paramount* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Marguerite Laverne — FLORENCE VIDOR
O conde de Castelle — *Alberti Conti*
Denise — LORETTA YOUNG
Humbert — *Matty Kemp*
Georgette — *Marieta Milner*
Um touriste alegre — *Ned A. Sparkes*
Um criado de quarto — *Tom Richester*
Uma criada — *Hazel Kelner*

* * *

As lampadas da illuminação publica começavam a piscar, somnolentas, no meio da penumbra, que se tornava indecisa



Ao lado — Humberto e Denise trocaram o primeiro beijo.

O despertar de uma elegante.

— Sósinha no quarto que sua mamãi desertára, Dan se devaneiava.

aos primeiros albores da manhã. Para os lados do oriente, alguns raios de sol já cortavam algumas nuvens, tremulos e tão vermelhos que pareciam laivos de sangue projectados pelo céu.

Um ou outro transeunte retardatario passava no meio da escuridão. Trabalhadores urbanos, aqui e alli, marchavam para o trabalho, tagarellando em dialecto calabrez.

Um carro de leiteiro passou, tilintando sua campainha, cujas notas cahiam como se fossem gottas sonoras de leite.

Amanhecia em Paris. Amanhecia para os pobres... porque os ricos dormem e accordam quando querem. São donos do tempo.

Diante do enorme edificio do club, como negros pachydermes, os automoveis pareciam dormir. Alguns deviam sonhar com sua genese, em Detroit, na tortura molecular soffrida pelo ferro caldeado, passando pelos moldes de compressão. Os *chauffeurs* cabeceavam.

Mas, os portões do club se abriram afinal e os primeiros pares sahem para a rua dirigindo-se aos automoveis. Estes despertam de subito, adiantam-se pelo asphalto e estiram-se pelo lusco fusco da madrugada, desapparecendo ao longe.

Partem uns apoz outros. O club se esvasia.

O conde Castelle é o ultimo elegante que sahe. A' porta do club está uma limousine e o conde vê entrar para ella a deslumbrante Mme. de Laverne. Cahe-lhe uma das luvas. Num movimento instinctivo de galanteria, o conde precipita-se e vai apanhal-a. Mas o automovel partiu antes que elle pudesse chamar a attenção da formosa senhora. A despeito d'isso apanha a luva — será mais uma para sua farta collecção de "luvas esquecidas".

O automovel já desappareceu no fim da rua; o conde mantem-se immovel, por um instante, com a luva na mão; depois sorri.

Teria sido aquelle incidente obra do acaso ou artificio feminino? Como saber? Mas o conde pendia mais a acreditar na segunda hypothese.

* * *

Marguerite Laverne, molle-

Com um só olhar, Mme. Laverne sabia collocar os indiscretos a distancia.

De pé, á porta do salão, Marguerite recebia as homenagens de seus convidados

mente recostada sobre os coxins de seu luxuoso automovel, aspirava o ar fresco da madrugada, que entrava pela vidraça aberta da portinhola. Refazia-se do cansaço da noite, que passára dansando. Por entre as palpebras semi-cerradas contemplava o homem, que ia a seu lado e, de quando em quando, fazia-lhe uma pergunta. Depois quedava-

(Continúa na pagina 33).

Uma intriga condemnada a fracassar.

Denise ficava triste sempre que via sua mamãi prompta para sahir

— Mamãi... Humberto quer lhe dizer uma cousa — balbuciou Denise.

Rose-Marie

Film da *Metro-Goldwyn-Mayer* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO:

Rose-Marie — JOAN CRAWFORD
Jim — JAMES MURRAY
Malone — HOUSE PETERS
Etienne — CREIGHTON HALE

(Resumo da parte já publicada)

*

Malone, o garboso e bravo sargento da policia montada, perseguia inutilmente com suas declarações de amor a linda Rose Marie, a moça mais formosa de Paste Duray, aquelle logarejo do longiquo Canadá. Ella não lhe dava attenção e parecia manter o coração completamente livre, embora Malone julgasse vêr um rival, no jovem Etienne, o filho do patrão do pai de Rose Marie. Recen-chegado de uma viagem a Paris, Etienne trouxéra lindos presentes para a moça e isso excitára os ciumes do sargento.

Um bello dia, chega ao logar uma esquadrilha de canôas trazendo homens, que viviam mais ao norte. Numa dessas canôas, exactamente a que pertencera a um indio assassinado recentemente, vem Jim, um mineiro ousado, que logo se apaixona por Rose Marie e conquista tambem seu coração. Mais do que nunca enciumado e tambem por tel-o visto na canôa roubada, Malone começa a perseguir Jim.

Então Rose Marie indica-lhe para esconderijo uma cabana na montanha e promette ir procural-o. Previne-o porem de que, se a ouvir cantar uma canção indigena chamada O Brado de Amor, *deve fugir immediatamente.*

O miseravel ameaçou Rose-Marie exigindo-lhe recursos para fugir.

Os trez discutiam assim sem ver que um novo personagem deitava mão ao revolver do sargento.

Se a ouvisse, porem, cantar, tratasse de fugir, de ir para longe, porque ella tinha o presentimento, uma intuição forte, de que estavam em sua busca.

Retornando á casa, Rose-Marie encontra seu pai combinando com Etienne seu casamento.

Tendo obtido a certeza de que uma patrulha já havia partido para os montes afim de prender Jim, Rose-Marie acceita immediatamente o casamento, exigindo, porem, que a deixassem cantar, á moda dos indios, o "Brado de Amor".

Era um pretexto, que com o sacrificio de seu coração, a pobre moça arranjára para avisar e salvar Jim.

Ouvindo o cantico, Jim foge, emquanto Rose-Marie e Etienne, já casados, partem de Poste Duray em um barco, que desce o Rio.

Aquellas mãos ainda algemadas surgindo pela janella causaram a Rose-Marie, o mais intenso pavor.

O desprendimento de umas grandes pedras, que reprezavam as aguas, determinam nesse momento uma avalanche, o que dá logar a que Jim salve Rose-Marie e Etienne.

Vão os trez refugiar-se em uma cabana na margem deserta do rio e ahi vai ter tambem o sargento Malone, em busca do fugitivo.

E Jim parecia definitivamente perdido, a despeito dos desesperados esforços de Rose-Marie, quando surge na cabana uma figura hirsuta e medonha, de expressão bestial e instinctos sanguinarios.

E' Bastien o verdadeiro assassino.

O miseravel chega no momento em que Rose-Marie tentava convencer o sargento Malone da innocencia de seu amado e apoderando-se do revolver do policial, trava com elle luta tão feroz que d'ella resulta sua morte, a de Malone e a de Etienne.

Porem Jim, embora gravemente ferido, logra salvar-se graças aos cuidados de Rose-Marie e, um bello dia, os dous partem unidos afinal em busca de outros logares onde a ordem e a justiça lhes permittam gosar sua ventura.

Diante d'aquelle ameaça, Jim foi forçado a recuar.

Mas que Pirata!

Film da *Universal* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Freddie Grey—REGINALD DENNY
Ruth Grey—DOROTHY GULLIVER
Jerry — OTIS HARIAN
Elton — *William Davidson*
Mr. Grey — *William Worthington*
First Crock — BULL MONTANA
Second Crock — *Sailor Sharkey*
Butler — *Charles Coleman*

***

Em consequencia de uma decisão arbitraria do juiz da luta, embora apenas tivesse presenciado um conflicto Freddie Grey, jovem ricaço, que perdera uma aposta de quinhentos dollares, foi preso tambem. No xilindró travou conhecimento com um vagabundo de nome Jerry Shoot. Este foi condemnado ao pagamento de uma multa de cincoenta dollares, que miss Julia Harrington, directora de um asylo para regenerar malfeitores, promptificou-se a pagar, levando Jerry para o asylo.

A Freddie, que ao ser preso dera o nome de John Smith, o juiz impoz uma multa de cem dollares, mas quando quiz pagal-a o rapaz deu por falta da carteira. Miss Julia, então, offereceu-se para entrar com o dinheiro e propoz-lhe que se empregasse no asylo.

Como fosse bastante a Freddie olhar para sua bemfeitora para ficar apaixonado por ella, acceitou e, para mais merecer a commiseração da moça, fingiu que era tambem um criminoso arrependido.

Elton, um dos acolhidos de miss Julia, a custo de hypocrisia, captára sua confiança ao ponto de ser nomeado gerente do asylo. Na manhã seguinte, emquanto Freddie tomava banho, Elton bateu-lhe o relogio de ouro. Freddie viu-o e, envolto apenas na toalha de banho, sahiu em seu encalço até que foram ter á presença de miss Julia. A moça, ao examinar o relogio, perguntou-lhe como poderia aquelle objecto pertencer-lhe, a não ser que o tivesse furtado, pois tinha gravado na tampa as iniciaes F. G. emquanto que elle se chamava John Smith? Freddie explicou que aquelle relogio lhe havia sido dado na vespera, por um moço chamado Freddie Grey.

— Juro-te... a unica cousa que roubei neste mundo foi teu coração.

Miss Julia declarou então que conhecia muito bem aquella familia, embora nunca tivesse visto o moço e que ia restituir a joia. E. telephonou a miss Ruth, irmã de Freddie, para que viesse vuscar o relogio. Quando esta chegou, mandou que Freddie lhe mostrasse o estabelecimento. Para não ser reconhecido pela irma, Freddie a principio escondeu o rosto, mas quando se encontrou a sós com ella deu-se a conhecer e pediu-lhe que guardasse segredo. No momento em que Ruth ia retirar-se, Freddie apanhou o relogio de dentro de sua bolsa. Este seu gesto foi visto por miss Julia, que esperou que miss Ruth se afastasse para verberar o procedimento do rapaz e despedil-o.

Ao sahir, Freddie tropeçou e na queda feriu a cabeça, ficando sem sentidos. Miss Julia foi soccorrel-o e, compadecida, disse-lhe que poderia continuar a trabalhar alli pelo tempo que quizesse.

Na noite d'esse mesmo dia, realizou-se uma kermesse em casa do Sr. Grey em beneficio do asylo de miss Julia. Freddie objectou que não desejava comparecer á festa, allegando que lhe seria impossivel refrear seus impetos de furtar.

Miss Julia apresentou naquella festa, Elton, Jerry e mais dous dos seus asylados e grande foi a sensação das damas ao dansarem com os malfeitores regenerados. Porem elles, com excepção de Jerry, aproveitaram-se d'aquelle convivio para roubar os ricos adereços com que essas damas estavam enfeitadas.

Quando o sr. Grey entrou no salão já os larapios estavam presos.

(CONCLUSÃO)

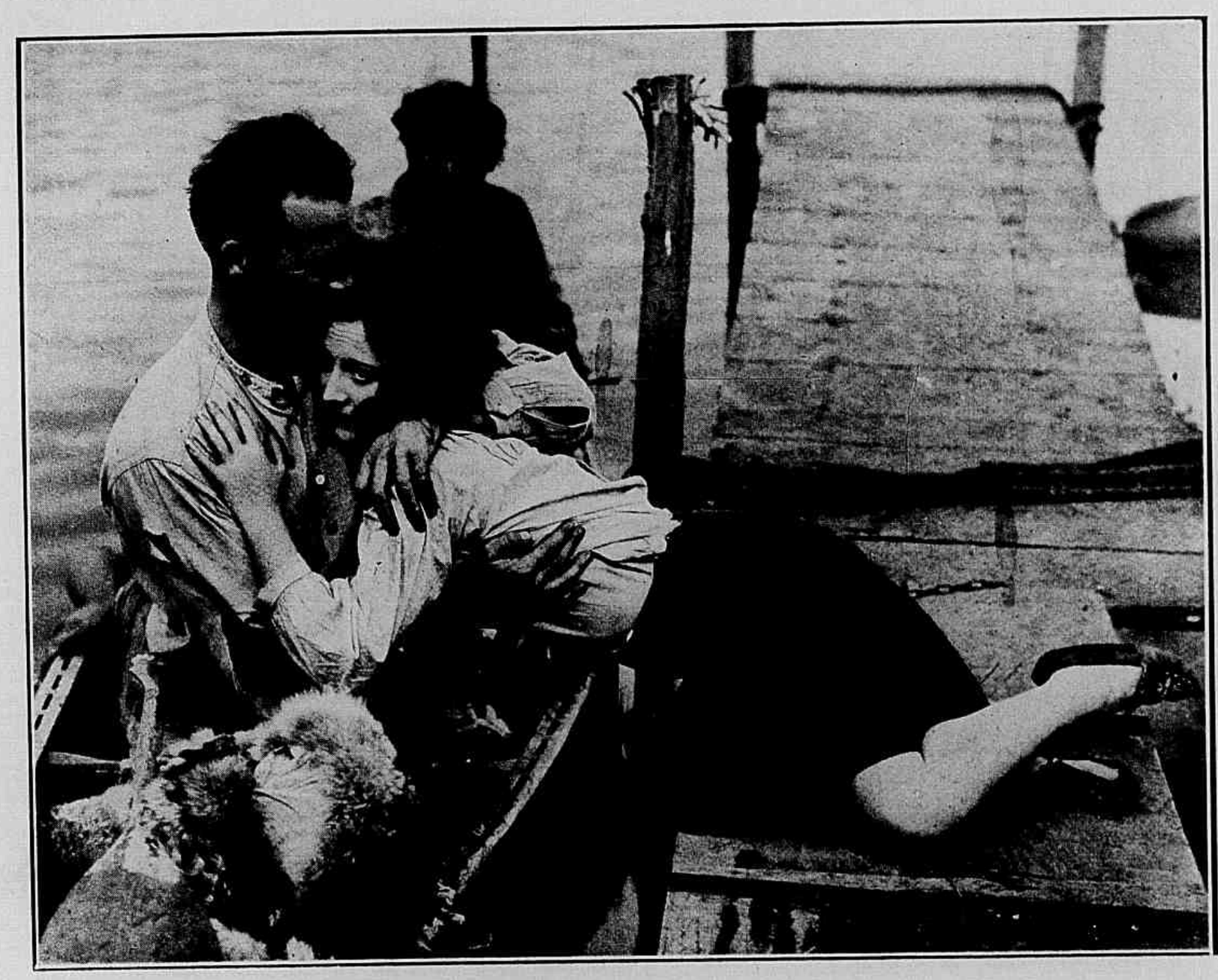
Freddie foi ter á casa ás escondidas e achava-se no quarto de seu pai, quando este alli appareceu e lembrou-lhe que elle tinha de assignar uns titulos. Emquanto Freddie retirava estes do cofre, miss Julia passou por alli. Julgando que elle estivesse praticando uma acção indigna, ficou muito sentida, mas como já o amava, tratou de encobril-o, quando surgiu a irmã de Freddie. Mais tarde, este viu Elton e os outros dois piratas esconderem num vaso as joias, que haviam subtrahido. Ia retiral-as para restituil-as a suas donas, afim de desfazer as suspeitas, que haviam recahido sobre elle, quando surgiram os larapios. Travou-se uma luta encarniçada, na qual Freddie, auxiliado por Jerry, conseguiu subjugar os ladrões.

Attrahidos pelo estardalhaço, os convidados e o pai de Freddie irromperam na bibliotheca onde se dera a luta. Com o reconhecimento do filho pelo Sr. Grey ficaram desfeitos os malentendidos.

Freddie, então, apertou Julia contra o peito, jurando-lhe que a unica cousa que roubara em toda a vida fôra... seu coração e sellou o juramento com um doce beijo.

Freddie extenuava-se, fazendo signaes a sua irmã para que não o compromettesse.

— Mas esse relogio é meu — explicou Freddie.



Ousadamente o recem-chegado abraçou-a e deu-lhe varios beijos.

DESAPARIÇÃO INSTANTANEA DOS CRAVOS

Um singelissimo processo inofensivo e summamente agradavel, é o que se está adoptando com o fim de eliminar do resto os pontos negros e os largos poros gordurosos que o enfeiam.

Basta deitar em um copo de agua quente um tablete de stymol, que se encontra á venda em todas as pharmacias e lavar-se o resto com o liquido assim obtido, uma vez que tenha cessado a effervescencia produzida pela dissolução do stymol.

Os pontos negros sahem como por encanto do seu lugar e se confundem com a toalha; os poros se contraem e a gordura desaparece, fazendo com que a cutis fique lisa, suave e fresca e livre de qualquer mancha. Mas, para que estes resultados se obtenham dum modo rapido e adquiram caracter definitivo, é mistér repetir este tratamento varias vezes com intervallos de quatro a cinco dias.

Cavalleiros do deserto

Continuação da pag. 6)

jogado ao rio, para que se afogasse, sendo salvo pela amisade de Toby.

Juntos elles vão agora capturar o capataz de Luke e todos os bandidos da quadrilha, emquanto

— Se me ouvires cantar foge immediatamente — disse-lhe sua amada.

(Scenas do film *Rose Marie*.)

Foi ainda ella quem lhe trouxe consolo nos ultimos momentos.

O cinema fallado

(Continuação da pag. 14)

que mesmo se deixam seduzir pelas luzes e encantos das grandes cidades. Ora é claro que se esses provincianos encontrarem, em seu proprio municipio, distracções tão importantes como as das cidades, não pensarão em sahir d'alli.

O cinematographo que falle, que canta, que dê a illusão completa do theatro, será provavelmente mais efficaz ainda do que como cinema mudo... Eis por que nos devemos abster de condemnal-o em nome de uma esthetica convencional e, por consequencia, muito discutivel.

na cidade, Jack se via accusado de ter sido o assassino de Crawford e quasi lynchado, quando Rede e Toby chegam com os prisioneiros, que accusam Luke como seu chefe e culpado.

Agora o caso de Jack com Anna. Este quer se retirar sem se lembrar de que havia muita cousa a ajustar com ella; e afinal não realiza o desejo deshumano de abandonal-a.

Red e Toby, satisfeitos pelo bom resultado de sua internação partem á procura de outras aventuras.

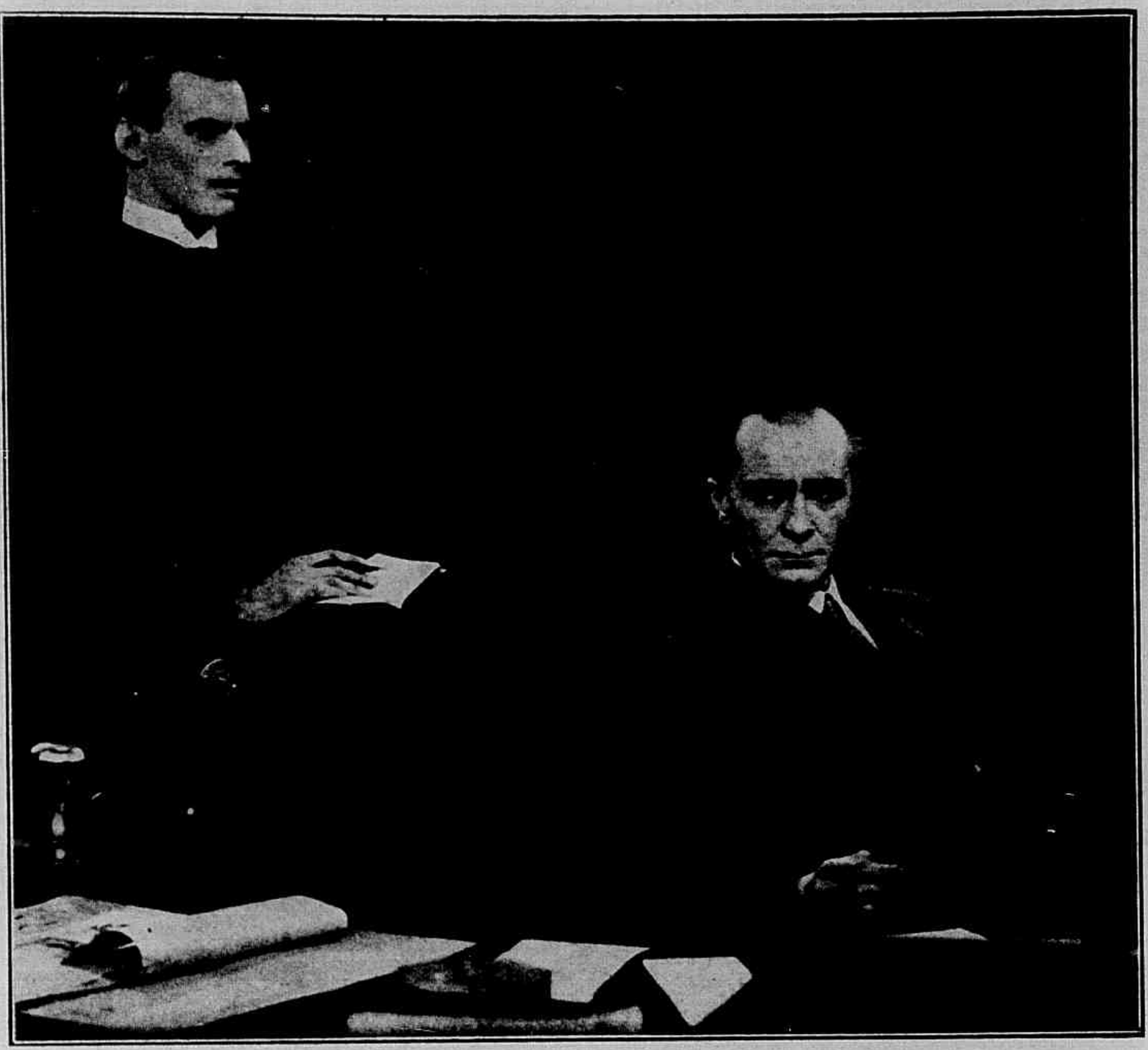
Metropolis

Traducção de O. Figueira e Walter Hell

Romance de Thea V. Harben *Do qual foi extrahido o film da Ufa com a seguinte*

DISTRIBUIÇÃO

Maria — BRIGITH HELM
John Freder (O Filho) — ALFRED ABEL
Freder (O Pai) — GUSTAVO FROHELICH
Rotwang, (O inventor) — *Rudolf Klein Rogge*
O homem magro — *Fritz Rasp*
Josaphat — *Theodoro Loos*
O n. 11.811 — *Eruin Bismanger*
Guth, o guarda da machina do coração — *Heinrich George*
Jan — *Olaf Storm*
Marimus — *Hames Leo Reich*
A senhora do automovel — MARGARET LANNER
Operarios, Mulheres dos Jardins Eternos, Automatos e os Sete Peccados Mortaes



O destino do Homem Magro, neste mundo, parecia ser apenas o de desobedecer ao senhor de Metropolis.

(CONTINUAÇÃO)

"Mas ninguem veiu". Passei toda a noite sentado nesta cadeira" Não dormi um só momento. Esperei que, á cada segundo, o senhor chegasse ou me chamasse ao telephone. Tambem scientificára os guardas neste sentido. Ninguem veiu, Sr. Freder".

Este continuava calado. Vagarosamente, quasi tropeçando atravessou o humbral do quarto, continuou a andar e levando a mão direita á cabeça notou que o gorro preto ainda cingia seus cabellos desalinhados. Empurrou-o da cabeça até que cahisse no chão. Sua mão desceu da testa até os olhos, onde permaneceu por um curto momento. Então a outra mão chegou-se a essa como se quizesse consolar a irmã. Sua physionomia lembrava uma arvore tenra, que, fustigada pela ventania, verga mas não cahe.

O olhar de Josaphat cravou-se então no traje que Freder vestia.

— "Sr. Freder", começou elle, cautelosamente, como conseguiu este traje?

Freder tirou as mãos dos olhos e collocou-as sobre a nuca como se alli sentisse uma dor.

— "Georgi vestia-o..." — respondeu elle. — "Dei-lhe o meu"...

— "Então Georgi é operario?"

— "Sim... encontrei-o defronte da machina Paternoster. Tomei seu logar e mandei-o vir para aqui..."

"Talvez elle ainda venha" — respondeu Josaphat.

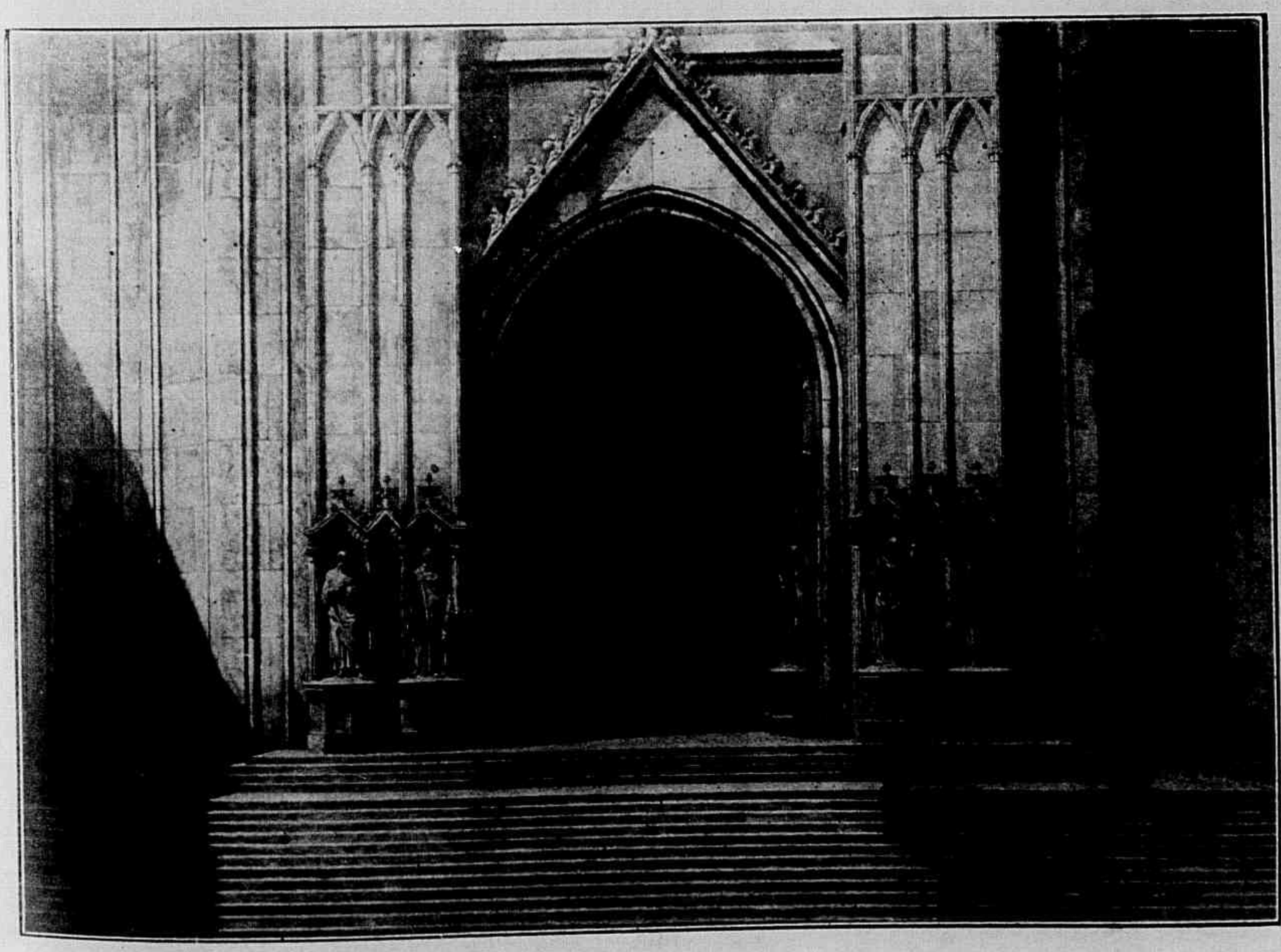
Freder balançou a cabeça.

— "Elle já devia estar aqui, ha muitas horas. Se o tivessem descoberto quando elle deixou a Nova Torre de Babel, tambem terme-hiam procurado e encontrado diante da machina. Tudo isto é lamentavel, mas que fazer? Elle não veiu".

"Havia muito dinheiro na roupa que o senhor trocou com Georgi?" — perguntou Josaphat, cautelosamente, como se cauterisasse uma ferida grave.

Freder balançou affirmativamente a cabeça.

— "Nesse caso não ha que admirar" — sentenciou Josaphat. Mas a expressão de vergonha e tortura na physionomia de Freder não o deixaram proseguir.



Era essa a primeira vez que Freder se dirigia ao templo.

— Não quer sentar-se, Sr. Freder?" — perguntou elle." Repousar? Parece muito fatigado...

— "Não tenho tempo para sentar." respondeu Freder. Em seguida, atravessou o quarto um tanto confuso, parando de quando em vez, onde uma poltrona ou uma meza podiam offerecer-lhe apoio. — "O facto é o seguinte, Josaphat: Eu disse a Georgi que viesse ter aqui e e aqui me esperasse ou esperasse um portador meu. Se elle não veiu, apesto mil contra um em como o homem magro já se acha nas minhas pégadas e em como conseguiu saber por Georgi para onde eu o havia despachado..."

— "E não quer que o homem magro o encontre aqui?"

— Elle não me deve encontrar, por preço algum, Josaphat!

— "Quem sabe se o homem magro não poderia ser subornado — disse Josaphat, vacillante. — "Sim — Mesmo que pareça impossivel, posso affirmar que elle gosta do senhor..."

— "O homem magro gosta de todas as suas victimas. O que o impede de, como um carrasco delicado e attento, collocar suas victimas aos pés de meu pai".

— "Se o senhor confiasse em um dos seus amigos..."

— "Não tenho amiges, Josaphat". Este queria contradizel-o, mas calou-se. Freder voltou os olhos para elle; levantou-se e sorriu, sempre com a mão do outro na sua.

— "Não tenho amigos, Josaphat. Isso é o mais doloroso, não tenho um só amigo. Tive companheiros de sports e camaradas de divertimentos... mas amigos? — Não, Josaphat! — Pode-se confiar numa pessôa da qual não se sabe como sôa o riso?"

Viu o olhar do outro dirigido e reconheceu naquelles olhos o ardor do soffrimento e da verdade.

— "Sim" — disse elle, com um sorriso chicoteando: Poderia confiar em ti... Devo confiar em ti, Josaphat...? Preciso chamar-te de "tu" e de "amigo" e de "irmão"... porque necessito de uma creatura que me acompanhe na crença e na certeza, até o fim do mundo. Queres ser essa creatura?"

— "Deus deve matar-me como se mata um cão tinhoso..."

"Está bem, está bem..." — disse sorrindo Freder — Vou-me embora, Josaphat. Quero ir ter com a mãi de meu pai para levar-lhe alguma coisa que para mim é sagrada. Estarei de volta antes do anoitecer. Encontrar-te-hei a essa hora?"

— "Sim, Sr. Freder. Deram-se de novo as mãos. Mão segurava mão com sinceridade. Fitaram-se. Um olhar dominava o outro olhar. Depois separaram-se e, sem dizer palavra, Freder partiu.

Um instante mais tarde, Josapahat ainda se encontrava no mesmo logar onde Freder o deixára. Bateram á porta.

Se bem que a pancada fosse suave, discreta como a pancada de quem pede, havia nella um não sei que... que fez passar um calafrio pela espinha dorsal de Josaphat. Elle ficou immovel, olhando a porta, incapaz de gritrar "entre" ou mesmo de abril-a.

As pancadas repetiam-se mas não augmentavam de fragor. Pela terceira vez eram as mesmas. Isto é o que positivava ainda mais a impressão que dominava Josaphat e o fazia ficar cada vez mais surdo. Finalmente perguntou com voz rouca:

— "Quem é?" Elle sabia perfeitamente quem estava do lado de fóra. Só perguntou para ganhar tempo — para poder respirar. Não esperou resposta e esta tão pouco veiu.

A porta abriu-se e diante d'ella estava o homem magro.

Os dous homens não se cumprimentaram. Josaphat, porque tinha a garganta muito secca; o homem magro, porque seus olhos atravessando o humbral viram um gorro preto no chão.

Josaphat acompanhou o homem magro com o olhar, mas não se moveu. O homem magro, com passos cadenciados, dirigiu-se para o gorro e levantou-o, depois mirou-o de um e de outro lado.

No forro branco do gorro estava o numero: 11811.

Balançou o gorro nas mãos com delicadeza e perguntou a meia voz:

— "Onde está Freder, Josaphat?"

— "Não sei..."

O homem magro sorriu frouxamente e encaminhou-se para uma poltrona que estava junto a uma meza baixa e de côr escura.

— "Dá licença!" — disse elle, cortezmente, ao sentar-se.

Josaphat fez um gesto de cabeça, não se moveu de onde estava

— "Você mora com conforto aqui", disse o homem magro, percorrendo o ambiente com um olhar mais ample. "Tudo está envolto em doçura. Sou capaz de apostar em como muito lhe custaria abandonar esta moradia".

— "Tambem não é essa a minha intenção!" — disse Josaphat. E deglutiu.

O homem magro cerrou as palpebras como se quizesse dormir.

— "Não... ainda não... mas, brevemente..."

— "Não penso nisso" — respondeu Josaphat. Seus olhos avermelharam-se e elle lançou ao homem magro um olhar em que o odio se denunciava.

— "Brevemente — repetiu o outro..."

Josaphat ficou silencioso um momento, mas, de repente, feriu o ar com o punho, como se batesse de encontro a uma porta invisivel.

— "Afinal, que deseja o senhor? — perguntou elle. "Que pretende o senhor de mim?"

— Quero saber porque preço entregaria esta moradia, Josaphat."

— "... quando?"

— "Immediatamente" — disse o homem magro com os olhos brancos e frios como um seixo num regato; e concluiu — "Immediatamente quer dizer: dentro de uma hora... o mais tardar, d'esta noite em deante..."

Pela espinha dorsal de Josaphat passou um calafrio. Vagarosamente elle suspendeu as mãos, que se tornaram punhos.

— "Retire-se, immediatamente, senhor! — Disse elle em voz fraca — Ponha-se lá fóra! Immediatamente! No mesmo instante! Já"!

— "A moradia é linda" — proseguiu o homem magro. — "Você não a entrega de bôa vontade. E' natural. Ella tem um valor estimativo. Tambem não lhe resta tempo para arrumar malas grandes. Só poderá levar o de que se necessita em vinte e quatro horas. A demora da viagem — a compra de novo enxoval — dinheiro para viver durante um anno — tudo isto incluido. Quando custa a sua vivenda, Josaphat?

— "Atiro-o para a rua! — " vociferou, febrilmente, Josaphat. "Jogo-o d'este setimo andar á rua, pela janella, se não se puzer já lá fóra!"

— "Você gosta de uma mulher e esta mulher não o ama. As mulheres que não amam são sempre dispendiosas. Você quer comprar essa mulher. Seja feita sua vontade. Isso triplica o valor da vivenda... A vida, seja numa viagem á Adria, em Roma, a Teneriffe, mesmo ao redor do mundo, com uma mulher comprada de novo — é comprehensivel, Josaphat, que esta moradia fique cara... Mas, a dizer a verdade, preciso d'ella, portanto preciso de pagar o que ella vale".

Metteu a mão no bolso e tirou um masso de cedulas do banco que atirou a Josaphat, em cima da mesa escura, que parecia um espelho. Josaphat precipitou-se, furiosamente, sobre o maço de cedulas e suas unhas deixaram vestigios de furor sobre a mesa polida. Agarrando o maço, jogou-o á face do homem magro. Este, num gesto calmo collocou de novo o masso sobre a mesa e juntou-lhe um outro.

Depois olhou para Josaphat. Os olhos congestionados d'este pareciam querer absorver os de seu visitante. As mãos de Josaphat agarraram, cegamente, os maços de côr avermelhada. Seus dentes surgiram brancos entre seus labios, emquanto os dedos rasgavam as notas como se as mordesse com a ancia da morte.

O homem magro balançou a cabeça. "Não faz mal!", disse pacificamente. "Tenho aqui um livro de cheques, em cujas paginas está a assignatura, em branco, de John Fredersen. Escrevamos uma somma nesta primeira pagina, uma somma que prefaz o dobro da importancia até agora dada. Concorda, Josaphat?"

— "Não quero...!" — disse o outro, tremendo dos pés á cabeça.

O homem magro sorriu.

— Não!, disse elle. — Ainda não... mas brevemente.

Josaphat não respondeu. Dirigiu-se para a folha de papel branco, impressa e escripta que jazia deante d'elle, sobre a mesa escura. Elle não viu a quantia que alli estava. Só viu o nome alli assignado. John Fredersen...

A assignatura estava feita como a buril.

Josaphat moveu a cabeça para um e outro lado, como se o talhe d'esse buril o abatesse pela nuca.

— Não! — rosnou elle. — Não, não, não...!

— "Ainda não chega"? — perguntou o homem magro.

A cabeça de Josaphat pendeu para um lado. O suor corria de suas fontes.

— Chega! — respondeu elle, gaguejando. — Chega!

O homem magro levantou-se. Alguma cousa escorregou de seus joelhos. Os olhos de Josaphat cahiram sobre o objecto.

Era um gorro preto, como o que os operarios usam nas officinas de John Fredersen.

Josaphat cahiu de joelhos. Agarrou o gorro com as mãos e segurou-o na bocca. Depois fixou os olhos no homem magro, levantou-se, pulou como um veado perseguido e dirigiu-se para a porta. Mas o homem magro num salto pulou a mesa, o divan esbarrou de encontro á porta e enfrentou Josaphat. Durante um abrir e fechar de olhos, cravaram os olhos um no outro. Então, as mãos de Josaphat levantaram-se até a garganta do homem magro e este inclinou a cabeça. Elle atirou os braços para a frente, simulando o ataque dos tentaculos de um polypo. Os dous homens se atracaram cheios de colera, rangendo os dentes e sem rumor, peito a peito.

Mas a frieza inabalavel do homem magro não tardou a admirar a loucura brilhante de seu adversario. De repente, como se alguem lhe tivesse batido nas juntas dos joelhos, Josaphat cahiu de joelhos e ficou com as costas inclinadas contra uma poltrona, olhando para o alto.

O homem magro afrouxou as mãos e olhou para elle.

— Chega agora? perguntou, rindo com displicencia.

Josaphat não respondeu, porem moveu a mão direita. Em toda a duração da luta, não largára o gorro preto que Freder trazia quando viéra procural-o.

Josaphat levou o gorro ao peito como se o objecto pesasse uma tonelada. Depois acariciou-o entre os dedos.

— Vamos, Josaphat, levante-se!, disse o homem magro. Fallava seriamente e com simplicidade um pouco triste. — Posso ajudal-o? Dê-me as mãos! Não, não, não lhe tomarei o gorro. Sei que o fiz soffrer muito. Mas não o fiz de proposito. Você a tanto me obrigou. — E concluiu com um sorriso sombrio. — Ainda bem que accordamos o preço antes, disse elle. Agora a moradia seria consideravelmente mais barata. Quando estará prompto para partir?

— Agora!

— Nada leva comsigo? "Quer ir como está, com todos os vestigios de lucta, roto e esfarrapado?"

— Sim!

— Será honroso para a mulher que o espera?

O brilho natural voltou aos olhos de Josaphat, que fixou o homem magro com olhos avermelhados.

— Se o senhor não quer que eu commetta nessa mulher o crime de morte que não poude fazer aqui, mande-a embora antes que eu volte, — disse elle.

O homem magro pegou o cheque bancario, dobrou-o e collocou-o no bolso de Josaphat.

Este não offereceu resistencia. Dirigiu-se para a porta, agitou o gorro que Freder trouxera, dizendo adeus ao quarto e sahiu. O homem magro acompanhou-o.

(Continúa no proximo numero).

Quartetto de amor

(Continuação da pagina 25).

se a meditar, talvez nas alegrias do baile.

— Jorge — perguntou ella, de repente — Por que não me apresentaste ha mais tempo ao conde de Castelle. E' um cavalheiro muito sympathico e sua palestra é deveras interessante.

Jorge, sem demonstrar surpreza ante aquella apreciação, limitou-se a confirmar:

— Alem de sympathico, elle é um homem perigoso. Pelo menos é o que dizem todas as mulheres, que o têm conhecido — acrescentou, querendo pôr uma pontinha de malicia no que dizia.

Porem Marguerite, no conforto dos coxins parecia não ter ouvido, já de novo mergulhada em sua meditação, esses pequenos ilhotes da imaginação onde desembarcamos, como extrangeiros, para tomar posse de uma ideia.

E o automovel corria pelas amplas avenidas ainda silenciosas de Paris.

Mas, de subito, ouviu-se um bater nervoso e repetido na vidraça que os separava do chauffeur. Os freios automaticos cerraram-se como grilhetas em torno dos eixos e o vehiculo arrastando fortemente os pneumaticos pelo asphalto, deteve-se. Marguerite sahe precipitadamente do automovel, bate com violencia a portinhola e, inadvertidamente, colloca um pé mimesamente calçado dentro de uma poça de lama.

Mas já o dono do automovel déra ao chauffeur signal de partida e o vehiculo se afastára em louca corrida.

Marguerite chamou um taxi modesto, que passava e installada nelle, seguia para sua residencia monologando:

— Que insolente! Que motivos lhe dei eu para que tomasse tamanha liberdade. E como podia eu imaginar que fosse capaz?... Sua attitude fôra sempre tão correcta! E' certo que sempre o vi divertir-se muito em todos os bailes, mas terminadas essas festas sempre o vi correr para sua residencia, para o convivio de sua filhinha... Será possivel que os homens não me comprehendam! Por que interpretam mal meus habitos de viver livremente, sem compromisso?

— E o que mais me aborrece — concluiu — é ter molhado um pé d'esta maneira.

***

O Sr. conde trouxe esta noite mais uma luva de senhora...

John, o fiel criado do conde de Castelle, pronunciára essas palavras com um sorriso velhaco, quasi orgulhoso, mas em tom de quem pedia ordens.

— Manda leval-a a Mme Marguerite Laverne, com um ramo de flores, como de costume — respondeu o conde.

— E tambem com o bilhetinho do costume? — perguntou o criado.

O conde limitou-se a fazer um movimento affirmativo com a cabeça, tão absorvido estava pela recordação de Marguerite.

Aquella mulher era de facto encantadora, tinha um não sei quê que a tornava differente das outras. Mas não estaria elle sendo enganado por uma miragem?... Emfim, o bilhetinho protocollar devia provocar esclarecimentos...

***

Impellida pela curiosidade de conhecer mais de perto aquelle homem, que diziam tão perigoso, Marguerite Laverne, acceitára convite para um baile a que elle lhe pedira que fosse. Queria estudal-o e não imaginava que elle tambem estava com o mesmo proposito.

E auxiliada por sua filha Denise, uma linda adolescente, dava os ultimos retoques a sua toilette, pensando. "Quero mostrar a esse D. Juan que em materia de elegancia e distincção sou irreprehensivel.

Denise na innocencia de seus dezeseis annos não podia comprehender sua mamãi. Ella era tão bôa, tão carinhosa... por que pois sahia assim, certas noites, deixando-a só em casa? Por que gostava tanto de bailes?

Vendo-a sahir apoiada ao braço do elegante conde, Denise sentiu um grande aperto no coração, emquanto seus olhos humidos se turvavam... E' que ella era muito ingenua para aprehender a razão da vida mundana e afogueada, que sua mãi levava; porem suas lagrymas de agora demonstravam que tambem ella começava a mal interpretar essa febre de mundanismo, esse perpetuo borboletear de Marguerite pela alta sociedade e seus variados centros de reunião.

Quantas noites, em seu luxuoso mas triste quarto de dormir, Denise teria ainda que passar sem o conforto espiritual de sua mãi. Felizmente, para ella, havia em outro bairro de Paris um coração jovem como o seu e que, por comprehender sua triste existencia e amal-a, muitas vezes vinha consoial-a e distrahil-a.

E estava ella assim a sonhar de olhos abertos, quando o telephone, collocado junto de seu leito, tilintou. Embora de tão longe, seu namorado vinha, como de costume, consolal-a e encher-lhe a cabecinha de lindos sonhos. E minutos depois, tendo ainda nos ouvidos o carinhoso som d'aquella voz amiga, Denise dormia... e sonhava!

***

A festa que Marguerite Laverne promovera para celebrar o anniversario de sua filha, promettia alcançar o melhor exito. Os convidados enchiam já seus vastos e elegantes salões. Entre muitos outros grandes vultos da sociedade tambem chegava o conde de Castelle, que vinha acompanhado por seu jovem e garboso sobrinho, Humberto, ficando assim completo o circulo de amizades que Marguerite tanto se empenhára em reunir.

— Não sabia que tinha um sobrinho... e tão elegante! — disse Marguerite.

— Nem eu poderia imaginar que a senhora já tinha uma filha — responde o conde.

— Lisonjeiro!

Essa pequena escaramuça de galanteria entre Marguerite e o conde, sem que ambos suspeitassem, ia decidir de suas existencias.

No emtanto, Denise e Humberto achando-se pela primeira vez no livre convivio de algumas horas de liberdade, trocaram o salão por outro canto mais discreto da casa, afim de trocarem confidencias amorosas, pois Humberto era o consolador telephonico de Denise Laverne.

Conversavam os dous no jardim de inverno. Humberto teve a tentação de roubar um beijo mas não se atreveu e para substituil-o, surgiu a doce pergunta:

— Quer casar commigo, Denise?

Ella ruborisou-se. Marguerite, que se approximava, não deu tempo a que Denise respondesse. E ella, um pouco confusa:

— Mamãi! — exclamou ella — Humberto quer dizer-lhe uma cousa...

— De que se trata?

— Denise e eu... Eu e Denise... Emfim... Queremos seu consentimento para nosso casamento...

Marguerite, satisfeita e emocionada, attrahiu a si o rapaz, estreitando-o nos braços, em um gesto de maternal acquiescencia.

Naquelle instante, porem, sem que o notassem, assomava á porta a imponente figura do conde, que, tendo notado a ausencia de Marguerite, andava a sua procura. Pareceu-lhe extranho que alli, no proprio lar, aquella mulher, tão bella e tão

Uma tentação inutil a um coração já preso.

mysteriosa abraçasse um rapaz desconhecido — por que o tio não reconhecera o sobrinho. E sem procurar saber de quem se tratava, o conde retirou-se para não mais voltar.

***

No dia immediato Castelle recebia a visita de seu sobrinho. Ia participar-lhe a noticia de seu noivado com Denise Laverne, a despeito da opinião nada lisongeira que o conde mantinha a respeito de Mme. Laverne.

— Não te aconselho a não amar a filha de Marguerite... mas não lhe falles em casamento! Vou mostrar-te quem é essa mulher a quem pareces tanto respeitar... Vais ver como acceitará o convite, que lhe farei para ir passar uma semana commigo em Veneza.

E' impossivel! — exclama o rapaz assombrado.

O conde tinha seu plano. Ia realizal-o para satisfazer a curiosidade do sobrinho e, tambem, por despeito. Faria o convite pelo telephone e, no dia immediato, Marguerite deveria comparecer em seu apartamento, onde jantariam a sós. Humberto, escondido em algum canto, poderia ouvir toda a conversa e certificar-se de que ella acceitaria o passeio a Veneza. Assim ficaria convencido da frivolidade da mulher, cuja filha escolhera para esposa.

***

A vasta campina italiana desdobrava-se como interminavel tapete de verdura; a locomotiva corria celére, arrastando sua interminavel cauda... Dentro em breve estariam em Veneza — a Mecca adorada de todos os enamorados!

Era o plano de Castelle que se convertia em realidade! Porem não como elle a imaginára, posto que Marguerite vencera. Recusando com indignação seu convite, ella de tal modo lhe demonstrára a pureza de sua vida, que elle não mais resistindo áquelle amor, desposou-a.

— Sabes por que me casei comtigo? — perguntava Marguerite ao conde, que a fitava com paixão.

E como elle nada dissesse e apenas suspirasse, ella propria respondeu:

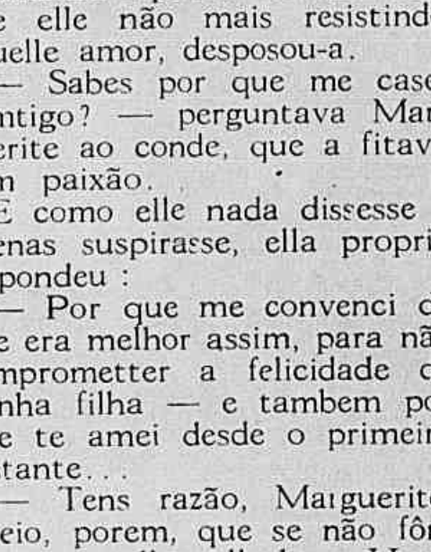
— Por que me convenci de que era melhor assim, para não comprometter a felicidade de minha filha — e tambem por que te amei desde o primeiro instante...

— Tens razão, Marguerite! Creio, porem, que se não fôra por causa d'aquella luva, Humberto não teria hoje uma tia tão linda...

Em outro compartimento do trem, Denise e Humberto faziam planos de futuro: finda a lua de mel voltariam para viver em Paris, na linda villa que possuiam num arrabalde.

A locomotiva voava sobre os trilhos... Dir-se-hia que tinha uma ideia fixa: levar a Veneza aquelle feliz quartetto de amorosos!

Seu noivo porem não achou graça naquellas elegancias.



Céu aberto

(Continuação da pagina 10).

nascem mil e um "qui-proquós", inclusive as situações angustiantes de se achar o Sr. Slocum, vestido de mulher, quasi diante de sua dignissima e forçuda esposa e Helen ver Dawson mettido ás escondidas num gabinete feminino de "toilette".

Tudo, porem, — e não fosse assim!... — tem sua solução feliz. E muito feliz, porque a Sra. Slocum não chegou a saber que o marido estivera... onde estivera... e Helen, porque mais calma, comprehendeu a razão por que lá estivera seu noivo.

E como se qualquer anjo de harmonia e paz distendesse as azas sobre aquelle lar, o anniversario da mamãi Slocum poude terminar encantadoramente, porque a dona da casa resolveu pôr abaixo seus nervos e acabar com a mania de reduzir as banhas.

Quanto a Helen e Dawson, para que accrescentar mais alguma cousa?

—⁂—

A alma de uma nação

(Continuação da pagina 21).

Pete Albertini, filho de um quitandeiro italiano e Sara Schmidt, filha dum açougueiro allemão, amam-se, mas os pais de ambos não vêm com bons olhos esse idyllio. Por sua vez o velho Levine, russo israelita, desde sua chegada aos Estados Unidos, quinze annos antes, continuava a exercer a profissão de passador a ferro de calças para homem. Um dia ao findar a sua ardua tarefa diaria — Levine ia fatigado rumo de casa, quando conheceu os pais de Pete e de Sara e os trez se tornaram muito amigos.

Miss Beth, a filha de Levine, era desenhista e companheira de atelier de Helena Bradleigh. De uma feita appareceu no atelier Hugo, primo de Helena, que o apresentou a sua amiga. Como era a hora da sahida, Hugo fez questão de levar Beth á casa em seu automovel. A moça, desejando occultar o bairro pobre em que residia, pretextou que tinha que fazer umas compras e seguiu sózinha. Chegou a casa alguns momentos antes de seu irmão Phil, o prototypo dos rapazes de hoje que, ao fallar, empregam constantemente termos da gyria. O velho Levine não podia conformar-se com os modos de seus filhos, que queriam passeiar todas as noites e ralhou com elles tão brutalmente que Beth, não podendo mais supportar aquella vida, resolveu separar-se da familia e foi morar em outro arrabalde um pouco melhor.

Os casaes Albertini e Schmidt costumavam reunir-se uma vez por semana em casa dos Levines. Em uma d'essas reuniões conversavam sobre o modo de vida dos filhos, quando receberam a visita do professor de uma escola nocturna, que vinha trazer um livro para Beth.

Ouvindo as queixas dos pais sobre os filhos, o professor deu-lhes a entender que a culpa cabia em grande parte a elles mesmos, porque não se davam o trabalho de se adaptar ao paiz, aprendendo ao menos a lêr e escrever em inglez e naturalisando-se cidadãos americanos.

Depois de alguma reflexão, os casaes resolveram matricular-se na escola nocturna. Uma noite, durante as aulas, ouviram os jornaleiros apregoarem a entrada da America na guerra mundial. Schmidt e Levine ficaram muito abatidos com a noticia, mas reconhecendo que muito deviam a sua patria adoptiva, louvaram o procedimento dos filhos, quando souberam que se haviam alistado.

Hugo Bradleigh, que estava apaixonado por Beth, tambem seguiu para a guerra como official. Em uma das batalhas, o irmão de Beth, para salvar Hugo sacrificou a propria vida. Por sua vez, Pete perdeu uma perna.

Passado algum tempo, Beth com saudade dos pais, foi fazer-lhes uma visita á noite. Não os encontrou em casa. Foi informada por uma visinha que elles iam todas as noites para a escola nocturna. Emquanto conversavam, um estafeta trouxe um telegramma para o Sr. Levine. Beth recebeu-o e levou-o para a escola. Trazia a noticia da morte de seu irmão. Beth em vista d'essas tristes circumstancias, regressou á casa paterna.

Decretado o armisticio, os sobreviventes voltaram á patria. Quando Hugo chegou a sua casa, encontrou um bilhete de Beth desculpando-se de não ter podido ir recebel-o e convidando-o para ir á residencia dos pais, de quem não mais se envergonhava.

Hugo foi acompanhado por seus proprios pais, que se oppunham a seu casamento com uma moça de origem tão modesta, mas ao saberem que Hugh devia a vida a Phil, filho d'essa gente humilde, seus preconceitos desappareceram e elles consentiram na união d'estes dous entes feitos um para o outro.

Visão suprema

(Continuação da pag. 8).

prehender o novo feitio de sua amada Carol Trent, de quem elle deixára de receber noticias desde que ella decidira regressar de Paris. E Dorr, para maior pezar seu, conhece Carol Trent, a nova Carol, justamente numa noite de baile, em casa de Max, quando a jovem, com toda suas inconveniencias, a todos escandalisava.

Em um certo momento, encontrando-a em um corredor da casa em festa, Dorr dirige-lhe a palavra, pedindo-lhe que lhe explicasse o motivo d'aquelle silencio... e d'aquella transformação, que tanto o inquietava, pois elle temia que ella não fosse a mesma, que já não o amasse, como acontecia sempre que uma creatura se deixava dominar pelas illusões dos prazeres da sociedade elegante e futil.

Carol, simulando indifferença pelo antigo namorado, diz ser melhor que elle não a importune. Ella mudára, sim, mas porque vira que a vida que passava na Bretanha era por demais simplória, em desaccordo com seu temperamento. Elle que a esquecesse. Ella jamais voltaria á vida calma e simples de antigamente. Queria viver. E não fazia questão de ser amada nem amar.

Desolado, Dorr abandona o baile e decide esquecer Carol.

Mas embora perseguido por Careth Lindsey, uma linda creatura que um casamento infeliz impellia a procurar quem a amasse verdadeiramente, não consegue dissipar a má impressão e o desgosto que lhe causára aquelle reencontro com Carol.

Mezes depois, porem, Dorr tem uma communicação de que Carol tentára suicidar-se.

Afflicto, procura-a e tem, então, a explicação de toda aquella situação, que tanto o atormentava.

Carol Trent, na Bretanha, dias depois de haver Dorr partido para New York e dias antes de partir ella para Paris, fôra accommettida de uma doença nos olhos e fôra prevenida por um medico de que talvez lhe fosse inevitavel a cegueira, dentro de alguns mezes. Sabendo d'isso e como presentisse cada vez mais o mal, Carol decidira gozar a vida o mais possivel, não para si propria, para seu proveito, mas justamente para afastar de si, seu querido Dorr, que, d'esse modo, veria nella uma creatura transviada e leviana, e procuraria esquecel-a. D'ahi o seu desvario, a "farandola" de sensações em que procurára mergulhar para esquecer tambem ella seu mal.

Dorr comprehende tudo. Mas não seria possivel salvar aquella creatura que cada vez mais amava? Oh! sim. Ella se salvaria, porque o Destino não resolvera privál-os de sua grande affeição.

E foi assim: Carol Trent, por suas proprias mãos, naquelle momento de desespero, tentando contra a existencia, provocára a melhor opportunidade para uma cura, facilitando uma operação que lhe restituiu a integridade da vista.

E, um desenvolvimento de incidentes felizes, que suavisaram a provação de outros dias angustiosos, permittiu que Carol pudesse unir o seu destino a Dorr, que jamais perdera a esperança de a vêr voltar para seu coração.

Cada qual mais assustado.
(Scena do film *Mas que pirata*).

Dous amantes

Continuação da pag. 13).

no mesmo aposento em que se encontravam agora. Depois de fechar a porta á chave, D. Ramon lançára-se sobre ella, procurando despojal-a das suas vestes, num assomo brutal. Nesse momento surgira de uma janella o mascarado, que em luta leal fôra forçado a matar seu adversario.

Ouvindo esta revelação, D. Lenora, que já sentia em seu coração as manifestações inequivocas de um grande amor, corre para Gand afim de salvar seu marido. Nesse mesmo instante, instado pelos patriotas, o burgomestre consente em ordenar a marcha contra o castello fortificado onde Mark devia ser torturado.

Certa dos designios sombrios do seu tio, D. Lenora parte a frente da turba exaltada conseguindo, num esforço supremo, baixar a ponte levadiça, que interceptava a entrada da fortaleza.

Era tempo. Entregue á sanha de seus algozes Mark tinha os minutes de vida contados.

O apparecimento subito d'aquella multidão armada obriga os Hespanhoes a capitularem. A vida do duque de Azor é conservada sob condição da retirada immediata dos invasores.

Mark, que soffria agora acima de tudo pela trahição que sua esposa praticára contra elle, ouve do principe de Orange a narrativa do heroismo e da dedicação de D. Lenora para salval-o. A reconciliação não se faz esperar, e sob as bençãos e a gratidão do bravo povo flamengo, aquelles dois entes unidos por hymeneu politico recebem finalmente a sanecção venturosa de seus corações.

INTERESSA A TODOS

Já sei que sois um desherente; em todo o caso, convém advertir-vos de que a vossa anemia póde desapparecer em poucos dias. Tendes usado todos os tonicos e nenhum resultado satisfactorio obtivestes. Pois bem, é possivel que a leitura desta noticia tenha como consequencia a vossa cura radical sem gastar muito. Sois syphilitico? Talvez respondereis de prompto que não; em todo caso, é bom reflectir se em alguma época fostes victima da syphilis adquirida e, ainda que assim não seja, convém lembrar da hereditaria. Póde-se mesmo affirmar que metade da geração actual é victima da impureza do sangue, causada pela syphilis hereditaria. Devido á invasão do microbio da syphilis no sangue, dá-se uma grande desordem no tecido sanguineo, o que produz a anemia.

Neste caso está provado que é indispensavel o uso de um medicamento de propriedades especificas; o *Elixir de Inhame*, por exemplo, é o unico até agora empregado e aconselhado pelos melhores medicos, porque reune em sua formula de sabor agradavel, além do principio activo do inhame, elementes capazes de fazerem desapparecer do sangue os microbios da syphilis, spirocheta pallida, causa da anemia. Uma vez desapparecida a causa, cessam os effeitos. Na formula do *Elixir de Inhame* entram o arsenico e o iodo, que restituirão as perdas do organismo e darão o equilibrio, que é a saude — a maior preciosidade de nossa existencia.

Mascara de Belleza Radiolite

DESCAMAÇÃO ARTIFICIAL EM 8 DIAS!

REJUVENESCE 10 ANNOS!

ETERNIZA A MOCIDADE!

E' o processo mais rapido e moderno de rejuvenescimento. Contra **manchas, sardas, espinhas, pontos pretos, vermelhidão, póros** e **capillares** dilatados, **gorduras** e todas as imperfeições da pelle. Visite a ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA, **Avenida Rio Branco, 134**, 1.° andar, para vêr exposta a **Mascara de Belleza** e muitos pedaços de pelles do resto, tiradas com a **Mascara de Belleza** que submettemos á apreciação das nossas gentis clientes.

As senhoras que não podem visitar a ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA escrevam e enviaremos um pedacinho de pelle.

Escreve hoje mesmo. Resposta mediante sello.

CATALOGO GRATIS.

Está no prelo

O

ALMANACH

9º ANNO

1929

Estudo

Preço para todo o BRASIL
5.000 Rs

• Cia EDITORA AMERICANA •